

Dispensacionalismo



Uma Crítica Abreviada

Grover Gunn

Escatologia como você nunca viu...

Fim dos tempos

Últimos dias

Fim do Mundo

Preterismo

Volta de Jesus

Profecia

Arrebatamento

Escatologia em geral

Apocalipse

Você encontra no mais completo portal sobre
preterismo parcial e pós-milenista...

Revista Cristã
Última Chamada



www.revistacrista.org

Dispensacionalismo: Uma Crítica Abreviada

Grover Gunn

Este artigo está disponível gratuitamente para download, em português, no site da Editora Monergismo.

O artigo "Dispensacionalismo: Uma Crítica Abreviada" é uma versão abreviada do livro Dispensationalism Today, Yesterday, And Tomorrow de Grover Gunn e Curtis Crenshaw. O livro inteiro está disponível em www.monergism.com.

Cópias do livro podem ser adquiridas no Amazon.com.

Tradução: Nathan Cazé

E-mail para contato: nhac27@hotmail.com.

Traduzido em julho/2016.

Site: www.monergismo.com

Acessado Quinta-feira, 16 de Setembro de 2016

Visando a divulgação do Preterismo e do Pós-milenismo, para a Glória de Deus, a *Revista Cristã Última Chamada* publica com design e profissionalismo artigos disponíveis em outros sites para que venham edificar aos irmãos em Cristo. Agradecemos ao irmão Felipe Sabino de Araújo Neto do site Monergismo por mais este artigo.

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Londrina, Paraná,
Setembro de 2016.

Índice

Sobre o autor...	6
Definindo o Sistema Básico...	7
Israel e a Igreja, Parte Um...	12
Israel e a Igreja, Parte Dois...	16
Israel e a Igreja, Parte Três...	20
A Nova Aliança...	25
Como Eles Defendem o Argumento deles...	29
Literalismo...	36
Interpretando os Profetas...	42
Manejando Corretamente a Palavra...	48
Sionismo Cristão...	53
Venha o Teu Reino...	61
Salvação Veterotestamentária...	65
Resumo dos Ensinamentos Questionáveis...	71
Notas de fim...	74

Sobre o autor

Grover Gunn é ex-Pastor da Primeira Igreja Presbiteriana, Winona, MS (2009 a 2012). Este artigo foi publicado com a permissão do Rev. Gunn.

Definindo o Sistema Básico

Uma pessoa não precisa procurar muito longe, hoje em dia, para encontrar cristãos que têm sido influenciados pelo dispensacionalismo em seu entendimento sobre profecia e a igreja. Fico pensando, contudo, quantas dessas pessoas que têm consistentemente pensado o dispensacionalismo como um sistema, têm familiarizando-se com as pressuposições controladoras desse sistema, e sabem (e confortavelmente aceitam) todas as principais implicações teológicas e exegéticas desse sistema. Minha própria convicção é que muitas pessoas que estão agora favoravelmente inclinadas ao dispensacionalismo não estariam assim se elas estivessem somente melhor expostas ao sistema teológico dispensacional e melhor entendidas nos escritos mais teologicamente orientados tais como a Teologia Sistemática de Chafer.

O sistema teológico de uma pessoa é a sua compreensão básica do que os ensinamentos gerais das Escrituras são e como esses se inter-relacionam. Um versículo das Escrituras tomado estritamente por si só pode frequentemente ter mais de um significado. Uma importante característica do significado correto de qualquer versículo é que o significado correto deve harmonizar-se com o ensinamento geral das Escrituras, que é resumida no sistema teológico. O trabalho do interpretador é, por um lado, de interpretar as Escrituras com a ajuda de seu sistema teológico e, por outro lado, de consistentemente avaliar e ajustar o seu sistema à luz das Escrituras. O interpretador deve sempre buscar assegurar que o seu sistema teológico é de fato consistente com todos os ensinamentos das Escrituras e também logicamente consistente em si mesma. Isso é um processo perene para o interpretador. Realmente, é um processo de uma vida inteira uma vez que o interpretador sempre

fundamenta-se no trabalho dos interpretadores anteriores e já que o trabalho nunca está completamente pronto.

O que muitos não reconhecem é que as suposições básicas do dispensacionalismo, como um sistema teológico, diretamente contradizem certos ensinamentos que têm predominado na igreja cristã no decorrer dos séculos. Os próprios dispensacionalistas têm dito que o sistema deles, que primeiro começou a ser ensinado no início do século XIX, na verdade é uma redescoberta de verdades que perderam-se desde os primórdios do cristianismo. Quando eu era um estudante no Seminário Teológico de Dallas, Alan Boyd era definitivamente um dos estudantes mais dotado intelectualmente lá naquele tempo. Ele estudou, no grego original, os escritos da igreja primitiva até a morte do Justino Mártir para coletar evidência de que o dispensacionalismo era verdadeiramente o sistema do cristianismo primitivo. Especificamente, ele estava avaliando historicamente, em uma tese de mestrado, a afirmação do Dr. Charles C. Ryrie: “O Pré-milenismo é a fé histórica da Igreja”.¹ A conclusão do Alan era de que a afirmação do Dr. Ryrie estava inválida,² e que ele [Alan] afirmou “baseado nas aulas e conversas privadas” que o Dr. Ryrie havia “esclarecido a sua posição sobre essas questões”.³ Alan entendeu as crenças proféticas “do período estudado” como sendo “geralmente hostis àqueles do sistema moderno”.⁴ Ele descobriu que os pré-milenistas na igreja primitiva “eram um número bastante limitado”.⁵ Ele concluiu que os pais da igreja que eram pré-milenistas, tais como Pápias e Justino Mártir, tinham pouco em comum com dispensacionalistas dos dias de hoje.⁶ Alan, na qualidade de dispensacionalista, explicou suas descobertas como um exemplo da perda rápida da verdade do Novo Testamento na igreja primitiva.⁷ Em outras palavras, não há nenhuma evidência concreta existente de que o dispensacionalismo, ou alguma coisa significativamente assemelhando-se a esta, era ensinado na igreja, em qualquer momento, até o século XIX.

Os dispensacionalistas gostam de contrastarem-se com teólogos aliancistas porque eles podem afirmar que a teologia do pacto é quase tão recente, como uma inovação teológica, quanto é o dispensacionalismo. O que eles estão se referindo é o desenvolvimento relativamente recente da doutrina do pacto das obras. Eu pessoalmente não creio que isso seja uma comparação válida. O dispensacionalismo é um sistema fundacional que ofereceu um paradigma novo e diferente para compreender a igreja e profecia. O pacto das obras é uma doutrina relativamente menor que

fundamentou-se sobre uma fundação doutrinal previamente aceita e que não é universalmente aceita entre os oponentes do dispensacionalismo. Nos próximos capítulos, estarei contrastando o dispensacionalismo, não com o pacto das obras, mas com a teologia reformada, sendo esta a teologia da reforma protestante como sistematizada por João Calvino e seus seguidores.

Quais são essas suposições dispensacionais modernas que contradizem os ensinamentos básicos e históricos cristãos? O cristianismo histórico tem crido que a Bíblia contém uma progressão unificada de revelação na qual Deus tem um povo básico (o povo de Deus no decorrer das eras, a igreja universal). Embora reconhecendo que o propósito final de Deus em todo detalhe da história é a Sua própria glória, a igreja tem historicamente crido que o plano de Deus para salvar um povo por meio da morte de Cristo é o propósito unificador que corre como um fio de escarlate por toda a história redentora de Gênesis a Apocalipse. Em contraste, os dispensacionalistas acreditam que a revelação bíblica é uma progressão interrompida em que Deus tem dois povos básicos (a semente terrena que é Israel, e a semente celestial que é a igreja). Dispensacionalistas tendem, em diversos graus, a negar que a redenção por meio de Cristo é o propósito unificador básico nas Escrituras⁸ e a negar a continuação básica do plano de salvação de Deus no Velho e Novo Testamentos. Esta posição de dois povos da história redentora também pode levar a fortes dicotomias teorizadas entre lei e graça, entre pactos condicionais e incondicionais, entre propósitos terrenos e celestiais, e entre eventos proféticos judaicos e cristãos do fim dos tempos.

Quando alguém examina com mais detalhe as questões básicas do sistema dispensacional, esse descobre três conceitos fundamentais. O primeiro desses é uma compreensão literalista e judaica das profecias do Velho Testamento e o reino messiânico de tal forma que esses requerem uma realização futura em termos de uma ordem veterotestamentária ressuscitada com certos aperfeiçoamentos e variações. O dispensacionalista argumenta que a natureza do reino anunciado por João o Batista e oferecido por Jesus Cristo deve ser entendido em termos da compreensão judaica popular do reino naquela época, e que os judeus naquela época estavam esperando uma restauração literal de domínio político davídico. Semelhantemente, o dispensacionalista vê o reino messiânico como uma extensão glorificada da lei cerimonial mosaica e o reino político davídico.

Na realidade, não há forte evidência de uma compreensão judaica unificada do reino na época de Cristo. A compreensão judaica do Messias e o reino vindouro era variada. O que sabemos é que, entre os vários entendimentos do reino messiânico na época de Cristo, havia uma esperança nacional e política que esperava a restauração terrena de um reino davídico idealizado com livramento de inimigos nacionais e a exaltação nacional de Israel. Os discípulos, às vezes, deram possíveis evidências de serem influenciados por tal entendimento do reino.⁹ O dispensacionalista supõe que esse entendimento nacionalista e judaico do reino era a compreensão correta.

Talvez a melhor forma de explicar uma interpretação excessivamente literalista é com um exemplo. Considere Zacarias 14:16:

E acontecerá que, todos os que restarem de todas as nações que vieram contra Jerusalém, subirão de ano em ano para adorar o Rei, o SENHOR dos Exércitos, e para celebrarem a festa dos tabernáculos. O profeta aqui falou da adoração a Jeová em termos da festa de tabernáculos da antiga aliança. Há duas formas básicas de interpretar isso e outras profecias semelhantes. Alguém pode supor que o profeta usou um elemento de adoração familiar à sua audiência original para falar, em geral, da adoração do Deus vivo e verdadeiro. A profecia poderia então ter referência à adoração difundida do Deus de Israel pelos Gentios depois de Jesus ter posto de lado o sistema de adoração da antiga aliança. Ou a profecia poderia ser entendida como referindo a um milênio futuro judaico com “a restauração de um sacerdócio e a reinstituição de um sistema sacrificial sangrento...”¹⁰ A partir da perspectiva dispensacionalista, a primeira interpretação sugerida é inaceitavelmente alegórica e, a segunda, propriamente literal.

Esse entendimento excessivamente literalista do reino profetizado é a primeira pedra de fundação do dispensacionalismo. A segunda pedra de fundação é a teoria do parêntese. De acordo com esta teoria, a era da igreja é um parêntese ou interjeição imprevisto no programa judaico profetizado pelos profetas veterotestamentários. Se os judeus não tivessem rejeitado Jesus, a era do reino judaico teria começado na primeira vinda de Cristo, de acordo com esta teoria. Mas já que os judeus rejeitaram Cristo, o programa profético foi supostamente interrompido, e a era da igreja, totalmente imprevista pelos profetas do Velho Testamento, foi

interrompida. O programa do reino é para retomar de onde havia parado, no futuro na tribulação e milênio dispensacional depois da igreja. De acordo com o dispensacionalismo, nenhuma profecia veterotestamentária pode referir-se diretamente à era parentética da igreja. Essas profecias devem ser cumpridas literalmente no contexto de uma economia judaica veterotestamentária re-continuada. Esta teoria do parêntese é a implicação lógica da hermenêutica literalista dispensacionalista. Se a interpretação dispensacionalista dos profetas do Velho Testamento estiver correta, então essas profecias não estão apontando para a era da igreja e deve existir uma era judaica futura se essas profecias forem cumpridas.

Esta teoria do parêntese pode também ser nitidamente visto na interpretação dispensacionalista da profecia de setenta semanas de Daniel. De acordo com os dispensacionalistas, a era da igreja é um parêntese imprevisto profeticamente entre a sexagésima nona e septuagésima semana das setenta semanas de Daniel.¹¹ A septuagésima semana é identificada com um período futuro de tribulação de sete anos que precede o milênio e durante o qual o programa de Deus para Israel será retomado.

Em contraste, a teologia reformada vê a era da igreja como a realização de muitas profecias do Velho Testamento, tais como Joel 2:28 no Pentecostes¹² ou Amós 9:11-12 no conselho de Jerusalém.¹³ O Velho Testamento no sistema reformado é visto como relacionado ao Novo Testamento assim como o broto está relacionado com a flor.

A terceira pedra de fundação do sistema dispensacional é a dicotomia entre o Israel do Velho Testamento e a igreja do Novo Testamento. De acordo com o dispensacionalismo, os santos do Velho Testamento não estão na igreja universal, que é o Corpo de Cristo e a Noiva de Cristo. A igreja neotestamentária é o povo celestial de Deus enquanto o Israel veterotestamentário e milenar é o povo terreno de Deus. De acordo com os primeiros dispensacionalistas, como Darby, Scofield e Chafer, a semente terrena Israel deverá passar a eternidade na nova terra, e a semente celestial, a igreja, deverá passar a eternidade no céu. Os dispensacionalistas recentes têm colocado, na eternidade, os santos de todas as eras na nova terra, mas mantêm a dicotomia deles por toda a eternidade excluindo eternamente os santos do Velho Testamento do Corpo e Noiva de Cristo. Conforme a teologia reformada, o povo de Deus de todas as eras serão, juntos, membros do Corpo e Noiva de Cristo e juntos desfrutarão a eternidade na nova terra.

Israel e a Igreja, Parte Um

O dispensacionalista consistente é um teólogo nas garras de uma ideia - a ideia de que há uma forte dicotomia entre Israel e a igreja. Esta ideia é uma teoria relativamente moderna na história da doutrina que foi inicialmente desenvolvida e popularizada por J. N. Darby (1800- 1882), o pai do pensamento dispensacionalista. Darby estava meditando no fato de que o cristão verdadeiro, por meio da obra de batismo do Espírito, está em união com Cristo e, portanto, está assentado com Cristo nos lugares celestiais.¹⁴ Com isso em mente, Darby leu em Isaías 32:15-20 sobre um derramamento profetizado do Espírito sobre Israel que traria bênçãos terrenas sobre o povo de Deus. Darby tomou esses dados bíblicos e concluiu-os para implicar um forte contraste entre as bênçãos terrenas profetizada para Israel e bênçãos celestiais prometidas ao cristão no Novo Testamento. Daí veio a teoria de Darby de que Deus tem dois povos, um povo terreno e um povo celestial. A descendência de Abraão, que é mais numerosa do que o pó da terra, é o povo terreno, os judeus; e a descendência de Abraão que é mais numerosa do que as estrelas dos céus é o povo celestial, a igreja. A descendência terrena herdará a nova terra eternamente enquanto que a descendência celestial herdará o céu eternamente. Assim, há dois povos de Deus, dois propósitos na história, e dois destinos eternos para os santos, de acordo com Darby. Esses dois povos também eram vistos como vivendo em diferentes economias de salvação: os judeus sob uma economia de lei no Velho Testamento e no milênio, e os cristãos sob uma economia da graça na era da igreja.

A teologia reformada, é claro, discorda fortemente com esta dicotomia radical entre Israel e a igreja. Teólogos reformados reconhecem as distinções bíblicas entre o Israel do Velho Testamento e a igreja do Novo Testamento, mas não uma dicotomia rígida. As distinções bíblicas entre o Israel veterotestamentário e a igreja neotestamentária basicamente envolve uma progressão orgânica análogo ao desenvolvimento de uma criança para um adulto.¹⁵ O desenvolvimento orgânico que resultou durante o tempo do Novo Testamento inclui a revelação clara sem precedentes por meio do Verbo Encarnado e Seus apóstolos, o

derramamento do Espírito em plenitude sem precedentes, a cessação das leis cerimoniais mosaicas pesadas, e a universalização do reino anteriormente limitado à nação judaica. Em meio a essas mudanças desenvolvimentais, houve também uma forte continuidade com o programa do Velho Testamento, de acordo com a teologia reformada.

Aqui estão dois sistemas antiteticamente opostos no que diz respeito à relação entre Israel e a igreja. Para determinar qual o sistema está correto, devemos ir às Escrituras. A passagem do Novo Testamento que fala sobre esse assunto é Efésios 2:12-21, uma passagem em que o apóstolo Paulo contrasta o status da aliança dos gentios, em geral, sob a antiga aliança com a de cristãos gentios sob a nova aliança. Nesta passagem, Paulo lembra aos cristãos de Éfeso sua pobreza espiritual anterior antes da salvação deles em Cristo na era da nova aliança. No versículo 12, Paulo resume o que tinha sido uma vez o estado de aliança deles:

“... naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo”. Paulo então continua no versículo 19 para contrastar esta posição anterior de pobreza espiritual com o status da aliança nesta era como gentios que creem em Cristo: “Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus”. Aqueles que haviam sido “separados da comunidade de Israel, e estranhos às alianças da promessa” agora não mais são “estrangeiros e forasteiros”. A palavra grega traduzida por forasteiros é usada na tradução grega no Velho Testamento para referir-se aos estrangeiros em Israel que não podiam participar da Páscoa.¹⁶ Esta palavra literalmente significa “aqueles ao lado da casa”. Paulo afirma que esses gentios crentes já não são forasteiros ao lado da casa de Israel, mas são agora, ao invés, “membros da família de Deus”. Os gentios em Cristo são agora também “concidadãos dos santos”. A palavra traduzida por concidadãos no versículo 19 é intimamente relacionada à palavra, no versículo 12, traduzida por comunidade na Versão Rei Tiago e cidadania na Nova Versão Internacional. Os gentios na carne tinham sido “excluídos da cidadania em Israel” (NVI), mas os cristãos gentios são agora “concidadãos dos santos”. Os “santos” são o povo santo de Deus, o povo da aliança. O cristão é um cidadão da Jerusalém celestial¹⁷ e, portanto, um concidadão dos santos de todas as eras.¹⁸

Nos versos 14-16, Paulo refere-se à paz entre judeu e gentio estabelecida por Cristo na igreja. Então no versículo 17, Paulo usa a linguagem de Isaías 57:19 e refere-se aos gentios que ouviram o Evangelho como “vós que estáveis longe” e os judeus como “aos que estavam perto”. Com isso em mente, veja o versículo 13:

“Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, fostes aproximados pelo sangue de Cristo”. Paulo aqui ensina que os gentios pagãos que creram em Cristo tinham sido “aproximados”; isto é, feitos herdeiros, na plenitude da nova aliança, de alianças veterotestamentárias de promessa que anteriormente pertencera exclusivamente a “vós que estáveis longe”.

Essa passagem não está ensinando que cristãos gentios tornaram-se membros do Israel veterotestamentário. A carta aos Efésios, capítulo dois, ensina que crentes gentios tornaram-se membros da igreja da plenitude messiânica, que Paulo chama de “um novo homem” (versículo 15) e que Paulo se refere como sendo um edifício construído sobre a fundação dos apóstolos e profetas do Novo Testamento (versículo 20). Essa passagem salienta ambas a novidade da igreja e a continuidade da igreja com o anterior programa da aliança de Deus. A resposta à separação gentílica de Israel e à suas alianças é a membresia no novo homem, que faz de alguém um concidadão com o povo da aliança de Deus e um membro da casa de Deus. Esses termos têm raízes no Velho Testamento, e essa passagem encaixa-se bem com o ensinamento reformado de que a igreja neotestamentária é o Israel veterotestamentário em uma nova maturidade de aliança.

A interpretação dispensacionalista dessa passagem de Efésios coloca toda a sua ênfase no fato de que esta passagem ensina que a igreja neotestamentária é um “novo homem” (versículo 15). Verdade, há uma novidade significativa à igreja neotestamentária, mas os dispensacionalistas negligenciam totalmente o ensinamento igualmente válido de que a igreja neotestamentária tem um forte relacionamento de continuidade orgânica com o Israel veterotestamentário.

Outra passagem relevante é Romanos 11, em que Paulo discute o status dos judeus na era da igreja. A oliveira de Romanos 11 significa a posição privilegiada de bênção que pertencia ao Israel veterotestamentário.¹⁹ É uma oliveira cujas raízes estão firmemente estabelecidas nas alianças veterotestamentárias feitas com os patriarcas judaicos. Antes de

analisarmos o uso da figura por parte de Paulo, examinemos como devemos esperar que Paulo use a figura se ele realmente fosse um dispensacionalista. Já que, de acordo com o dispensacionalismo, todos os judeus nesta era parentética são cortados de seus privilégios veterotestamentários, devemos esperar Paulo ensinar que todos os ramos na oliveira de Israel foram quebrados no início da era da igreja. Como o relógio do programa profético judaico que supostamente parou de funcionar no início da era da igreja, a velha oliveira judaica deveria ficar dormente durante a era da igreja até aquele futuro período de tribulação e milênio quando Deus novamente retoma o programa profético judaico. Para usar outra ilustração popular com os dispensacionalistas, seria como um trem judaico que está esperando nas vias-férreas até passar o trem da igreja pela trilha da história. Também, já que de acordo com o dispensacionalismo o programa de Deus para a igreja é totalmente distinto do programa de Deus para Israel, deveríamos esperar que Paulo ensine que, no início da era da igreja, uma nova oliveira representando a igreja foi divinamente plantada. E todos os judeus crentes que foram quebrados da oliveira do Israel dormente e todos os gentios crentes que estavam anteriormente na oliveira brava do paganismo são, nesta era, enxertados na oliveira de bênçãos da igreja. Mas isso, é claro, não é o que Paulo ensina de forma alguma. Paulo, ao invés, ensina que somente judeus descrentes foram quebrados da oliveira de Israel. Judeus que aceitaram a Cristo permaneceram onde eles sempre estiveram: na oliveira de Israel. E gentios crentes foram enxertados na oliveira de Israel. De novo, vemos que Paulo tinha uma perspectiva reformada, vendo a igreja como o novo Israel.

Outra passagem que mostra a forte continuidade entre Israel e a igreja é Hebreus 3:5-6. Essa passagem refere-se a ambos o Israel veterotestamentário e a igreja neotestamentária como a casa de Deus, o que demonstra a sua unidade como o único povo de Deus. Esta passagem baseia-se em Números 12:7, onde o termo casa de Deus definitivamente refere-se a Israel.²⁰ Esta passagem também demonstra a progressão orgânica entre os testamentos com a sua mensagem de que o Cristo da era da nova aliança, que é um Filho sobre a casa de Deus, é superior a Moisés, da era da antiga aliança, que era um servo na casa de Deus.

Israel e a Igreja, Parte Dois

Uma das raízes mais básicas de contenção entre o sistema dispensacionalista e a teologia reformada é a relação da igreja neotestamentária com o Israel veterotestamentário. O dispensacionalismo vê a era da igreja como uma interrupção no programa de Deus para Israel, como uma cessação temporária no cumprimento da profecia veterotestamentária. Em contrapartida, a teologia reformada vê a era da igreja como a continuação do programa de Deus para Israel. A igreja é vista como Israel espiritual em maturidade, e a era da igreja é vista como o cumprimento de muitas profecias veterotestamentárias. Qual é a relação bíblica da igreja para Israel? É uma relação de forte dicotomia ou uma relação de continuidade progressiva? Esta é a pergunta diante de nós.

O ensinamento neotestamentário sobre a Nova Jerusalém em Apocalipse 21 é útil em responder esta questão. Apocalipse 21 revela que a Nova Jerusalém é o símbolo para os santos de todas as eras. As doze pedras de fundação da cidade têm nelas os nomes dos doze apóstolos e, as doze portas da cidade, os nomes das doze tribos de Israel.²¹ As pedras de fundação representam os santos neotestamentários e, as portas, os santos veterotestamentários. A Nova Jerusalém, portanto simbolizando os santos de todas as eras, é então designada como sendo a Noiva de Cristo,²² que é a igreja universal, o Corpo de Cristo.²³ Isso significa que ambos o Israel veterotestamentário e a igreja neotestamentária estão juntas no Corpo de Cristo. O fato de que os santos do Velho Testamento estão incluídos na Nova Jerusalém é confirmada ainda por Hebreus 12:22-23, em que os “espíritos dos justos aperfeiçoados”, uma designação muito provavelmente incluindo os santos veterotestamentários,²⁴ são listados entre os cidadãos da cidade celestial.

Outra passagem significativa que fala diretamente à questão é Mateus 21:43. Aqui, Cristo fez a seguinte afirmação aos líderes judaicos perto do fim de Seu ministério terreno:

“Portanto, eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos”. O que é esta nação que foi dada o reino de Deus? A resposta óbvia é a igreja, que é, em outro lugar,

designada como uma nação.²⁵ Se foi dado à igreja o programa do reino que Deus iniciou com o Israel veterotestamentário e que está enraizada em alianças veterotestamentárias, então há uma forte continuidade entre Israel e a igreja. Se a igreja, então, supõe que o programa do reino veterotestamentário começou com o Israel do Velho Testamento, então a igreja verdadeiramente é o Israel da nova aliança.

Uma reposta dispensacionalista comum à questão acima é que o reino será dado “à nação de Israel quando esta converter-se ao Senhor e for salva antes de entrar no reino milenar”.²⁶ Isso significa que toda a era da igreja deve intervir entre a primeira cláusula do versículo em que o reino é tirado de Israel físico e a segunda cláusula em que o reino é dado para outra nação!

Esclarecimento adicional sobre a transição do reino do Israel veterotestamentário para a igreja neotestamentária pode ser encontrada no ensinamento bíblico sobre o Bom Pastor Messiânico. O Bom Pastor Messiânico iria desapropriar os “maus pastores”, líderes de Israel, e julgar entre os membros do rebanho de Israel.²⁷ Jesus Cristo tirou o reino dos líderes de Israel que tinham feito oposição a Ele e deu o reino para “as pobres [ovelhas] do rebanho”,²⁸ o remanescente justo de dentro da nação que eram os discípulos dEle. Em Lucas 12:32, Jesus disse aos Seus discípulos: “Não temais, ó pequeno rebanho; porque é o bom prazer do vosso Pai dar-vos o reino”. Os discípulos dEle eram as ovelhas verdadeiras em Israel, pois as ovelhas verdadeiras de dentro do rebanho de Israel eram aquelas que reconheceram o Pastor Messiânico, deram ouvidos aos Seus ensinamentos, e obedientemente seguiram Ele.²⁹ Aqueles judeus que rejeitaram Jesus não creram porque eles não eram ovelhas verdadeiras.³⁰

Jesus também ensinou que Ele também tinha ovelhas de fora do rebanho de Seus discípulos judaicos.³¹ Jesus estava aqui falando dos gentios que mais tarde viriam a crer e serem incorporados na Sua igreja. Em João 10:16, Cristo disse que essas ovelhas gentílicas estavam, naquela época, de fora de Seu rebanho presente de discípulos e que Ele lideraria elas para dentro de Seu único rebanho. A palavra traduzida por rebanho em João 10:16 literalmente refere-se a um aprisco murado³² e traz à mente uma imagem de Israel separado por um muro das nações gentílicas pelas leis cerimoniais deles. Jesus lideraria essas ovelhas gentílicas para dentro de Seu único rebanho: “Porque ele é a nossa paz, o qual de ambos os povos fez um; e, derrubando a parede de separação que estava no meio”.³³ O

povo da nova aliança de Deus são um único rebanho sem nenhuma distinção entre judeu e gentio.

O uso do rebanho, como metáfora, em João 10, demonstra a relação de continuidade entre o Israel do Velho Testamento e a igreja da nova aliança. Ambos o Israel veterotestamentário e a igreja da nova aliança são referidas como o rebanho de Deus. As ovelhas de Cristo são aquelas para quem Ele salvificamente morreu³⁴ e para quem Ele tem dado vida eterna.³⁵ Já que a salvação é encontrada em Cristo somente, as ovelhas verdadeiras de Deus são os santos de todas as eras.

Esta mensagem, dada sob a figura de um rebanho, é semelhante à mensagem que Paulo ensina em Romanos 11 sob a figura da única oliveira. Ambos João 10 e Romanos 11 ensinam a unidade essencial do povo de Deus através das eras como um único rebanho e uma única oliveira e ilustram a progressão orgânica e a continuidade desenvolvimental na transição entre as alianças velha e nova.

Outro grupo de passagens que são relevantes para a nossa discussão sobre a questão da continuidade consiste de passagens que dão à igreja um nome judaico. Em Gálatas 6:16, Paulo diz: “Paz e misericórdia estejam sobre todos os que andam conforme essa regra, e também sobre o Israel de Deus” (NVI). Os dispensacionalistas argumentam que Paulo, aqui, estava referindo-se exclusivamente aos judeus crentes. O problema com esta interpretação é que um dos temas principais de Paulo, em Gálatas, é o ensinamento que os judeus não têm nenhum privilégio sobre os gentios nesta era. Se Paulo, então, dá aos judeus na igreja um status ou reconhecimento especial ao referir a eles exclusivamente como o Israel de Deus, então Paulo teria destruído o próprio argumento dele. Ele teria dado vantagem aos judaizantes ao dar-lhes uma razão válida para argumentarem que cristãos gentílicos poderiam aprimorar o seu próprio status espiritual ao tornarem-se prosélitos judaicos, bem como cristãos. Portanto, Paulo deveria estar referindo-se à igreja toda quando ele falou do Israel de Deus em Gálatas 6:16. O verdadeiro Israel de Deus são todos aqueles que andam pela regra de gloriar somente na cruz de Cristo.

Em outros lugares, a igreja é chamada de diáspora, um termo técnico que refere-se aos judeus vivendo em nações gentílicas³⁶; as doze tribos³⁷; uma raça eleita, um sacerdócio real, uma nação santa, um povo para propriedade exclusiva de Deus³⁸; judeus que são judeus interiormente³⁹; a circuncisão⁴⁰; chegaram ao monte Sião⁴¹; cidadãos de Jerusalém celestial⁴²; filhos da promessa como Isaque⁴³; descendência de Abraão e

herdeiros conforme a promessa de Abraão.⁴⁴ No livro de Tiago, a igreja cristã local é chamada de sinagoga.⁴⁵ Alguns desses nomes foram dados à igreja quando seus membros eram predominantemente judeus, mas esses nomes, no entanto, foram dados à igreja. Se um dispensacionalista tentar evitar esse fato postulando uma dicotomia entre a igreja judaica primitiva e a igreja gentílica posterior, então ele tem adotado em seu sistema uma das doutrinas distintas do ultradispensacionalismo.

Não creio que exista uma forte dicotomia entre Israel espiritual e a igreja, como os dispensacionalistas afirmam. Ao invés, a dicotomia real é entre o Israel espiritual veterotestamentário e o farisaísmo neotestamentário, que é aquela perversão da religião veterotestamentária genuína da qual Cristo tão fortemente condenou e que desenvolveu-se no que é hoje conhecido como judaísmo normativo.

Israel e a Igreja, Parte Três

A discordância mais básica entre o dispensacionalismo e a teologia reformada gira em torno da relação entre a igreja do Novo Testamento e o Israel do Velho Testamento. De acordo com o dispensacionalismo, a era da igreja é um parêntese no programa do reino judaico profetizado no Velho Testamento. A igreja neotestamentária em Pentecostes é uma entidade absolutamente nova e é um mistério a que nenhuma profecia veterotestamentária referiu-se diretamente. Todas as profecias do reino judaico referem-se a um reino milenar judaico que foi adiado até depois da inesperada era da igreja por causa da rejeição judaica de Jesus. É claro, a teologia reformada discorda com esse ensinamento. Embora reconhecendo que a igreja em Pentecostes era algo novo num sentido relativo, teólogos reformados creem que a igreja também é a continuação do programa do velho reino começado no Velho Testamento. De acordo com a teologia reformada, a igreja é o Israel espiritual chegada a maturidade dispensacional e é o cumprimento de muitas profecias feitas concernentes a Israel no Velho Testamento.

Qual dessas duas interpretações opostas da relação entre Israel e a igreja está correta? A partir da própria natureza da pergunta, alguém pode esperar encontrar algumas pistas para a resposta correta ao estudar o uso que o Novo Testamento faz da profecia veterotestamentária. Se o Novo Testamento alguma vez cita qualquer profecia do Velho Testamento como referindo-se diretamente à igreja neotestamentária, então um elemento básico do sistema dispensacionalista é, assim, desacreditado. Há, sim, tais citações no Novo Testamento.

Provavelmente, a profecia veterotestamentária mais conhecida é Joel 2:28. De acordo com os dispensacionalistas, todos os profetas veterotestamentários eram absolutamente e completamente ignorantes da era da igreja vindoura. Também, a profecia de Joel foi dirigida à Israel e aos filhos de Sião,⁴⁶ não à igreja. Já que Israel significa Israel, e já que igreja significa igreja, uma profecia concernente a Israel não pode ter relação direta com a igreja, de acordo com os dispensacionalistas. Agora

vem o teste: O que o Novo Testamento tem a dizer sobre o cumprimento de Joel 2:28?

Encontramos Joel 2:28 citado por Simão Pedro em Atos 2:16-17 no Pentecostes, o aniversário da igreja neotestamentária! O Espírito Santo estava naquele dia derramado sobre a igreja com plenitude sem precedentes, e Pedro explicou esse fenômeno dizendo: “Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel”, e, então, citando Joel 2:28. Se as palavras devem ser entendidas em seus sentidos normal e literal, é difícil imaginar como alguém poderia comunicar mais claramente que um evento era um cumprimento de uma profecia do que com as palavras isto é aquilo. Mas os dispensacionalistas consistentes, por causa do sistema teológico pressuposto deles, não podem admitir que Pentecostes seja o derramamento do Espírito previsto pelo profeta Joel. Os dispensacionalistas acreditam que o derramamento, profetizado por Joel, ocorrerá no milênio judaico deles, ainda futuro, em uma era em que não há nenhuma obra batismal do Espírito Santo. Há uma observação de ironia aqui. O derramamento de Pentecostes é identificado como sendo o batismo do Espírito Santo,⁴⁷ aquela obra divina que insere uma pessoa no Corpo de Cristo, a igreja universal.⁴⁸ No entanto, os dispensacionalistas dizem que o verdadeiro derramamento, aquele que foi genuinamente previsto pelo profeta, ocorrerá em uma era em que não há nenhuma obra batismal do Espírito Santo. Os dispensacionalistas não têm lugar para nem a igreja nem o batismo do Espírito Santo no programa milenar terrestre deles.

Como, então, os dispensacionalistas lidam com as palavras de Pedro em Pentecostes? Um escritor dispensacionalista proeminente disse que quando Pedro disse, "isto é aquilo", o que ele realmente quis dizer era: "isto é uma ilustração daquilo". Outros dispensacionalistas dizem que Pentecostes era somente um cumprimento parcial de Joel 2, mas, de nenhuma forma, o cumprimento realmente imaginado pelo próprio profeta. Aparentemente, os dispensacionalistas podem interpretar as palavras "isto é aquilo" em um sentido menos do que literal quando, assim, isso convém aos seus interesses.

Os dispensacionalistas argumentarão para defender a interpretação futurística deles da profecia de Joel a partir do fato de que a profecia menciona eventos cataclísmicos nos céus. No Velho Testamento, entretanto, uma linguagem muito semelhante foi usada para descrever os desastres nacionais profetizados para a Babilônia,⁴⁹ Egito,⁵⁰ e Edom⁵¹. Já

que esses eventos cataclísmicos nos céus não ocorreram literalmente, então por que deveríamos esperar um cumprimento literalista quando Joel usa as mesmas figuras gerais? Creio que Joel estava referindo-se ao desastre nacional que caiu sobre o Israel nacional algumas décadas depois do sermão de Pedro como uma consequência do crime cometido algumas semanas antes de Pentecostes. Quando Jesus profetizou esse julgamento nacional, ele também usou linguagem semelhante.⁵²

Interessantemente, os ultradispensacionalistas tendem a concordar com a teologia reformada de que Joel 2 foi cumprido em Pentecoste. De acordo com os ultradispensacionalistas, há três povos de Deus: o Israel veterotestamentário, a igreja petrina judaica primitiva, e, posteriormente, a igreja cristã paulina. Já que os ultradispensacionalistas associam Pentecostes exclusivamente com a igreja judaica primitiva e não com a igreja Cristã, eles podem permitir um cumprimento de profecia judaica em Atos e ainda consistentemente manter a dicotomia dispensacionalista entre Israel e a igreja cristã.

Outra profecia veterotestamentária que é diretamente relacionada à igreja encontra-se em Atos 15, no concílio judaico. Esta questão diante do concílio era o status dos cristãos gentílicos na era da igreja. Alguns cristãos judaicos estavam contendendo que a circuncisão era necessária para todos os cristãos gentílicos e que esses precisavam de observar todas as leis cerimoniais do Velho Testamento. Em outras palavras, alguns cristãos judaicos queriam que os gentios convertidos tornassem prosélitos judaicos, para tornarem-se membros de Israel no sentido veterotestamentário. No concílio de Jerusalém, Pedro argumentou que na era da igreja, nem judeu nem grego deveria carregar o fardo de observar a lei cerimonial para receber o status aliancista pleno de um verdadeiro judeu. Pedro salientou que Deus tinha dado o Espírito Santo, na casa de Cornélio, tão livremente para crentes gentílicos incircuncisos quanto Ele tinha dado o Espírito Santo aos crentes judaicos. Paulo e Barnabé então relataram "os sinais e maravilhas que Deus fizera entre os gentios por meio deles". Então, Tiago fez o seu discurso culminante em que ele salientou que as palavras dos profetas concordavam com o que Pedro tinha dito sobre Deus ter escolhido "dentre os gentios um povo para o Seu nome" pela primeira vez na casa de Cornélio. Aqui temos as palavras dos profetas judaicos, que supostamente desconheciam a era da igreja, concordando com e confirmando um evento na era da igreja. Tiago, então, parafraseou Amós 9:11-12, uma profecia que prometeu que, algum tempo

após a destruição do norte de Israel pela Assíria, Deus retornaria novamente para Israel em uma visita de bênçãos. A profecia promete que Deus então reconstruiria e restauraria o reino davídico para que "todos os gentios sobre os quais o nome de Deus é chamado" "possam buscar o Senhor". Esta profecia veterotestamentária falou sobre a inclusão dos gentios como sendo gentios no programa da aliança. Tiago interpretou isso como uma confirmação de que crentes gentílicos incircuncisos poderiam ser membros da igreja neotestamentária.

Os dispensacionalistas ensinam que Tiago estava citando Amós com referência a um milênio judaico futuro e a era da igreja neotestamentária. Esta interpretação realmente parece estranha quando leva-se em conta o fato de que o milênio dispensacionalista deve ser um tempo de observação renovada da lei cerimonial que separa judeus de gentios e um tempo de superioridade judaica sobre gentios terrestres. Como são tais ideias relevantes para um concílio preocupado com a igualdade religiosa de gentios cristãos que não submetem-se às leis cerimoniais judaicas?

Creio que a paráfrase representa razoavelmente a interpretação dispensacionalista de Atos 15:15-17 encontrada na Bíblia de Estudo Scofield [Scofield Reference Bible]:

Após Deus ter tirado um povo para o Seu nome dentre os gentios para formar a igreja, o segundo advento de Cristo ocorrerá e Cristo restabelecerá o reinado davídico sobre Israel para que israelitas e gentios do milênio possam buscar o Senhor. Há várias imprecisões neste argumento que fazem a exegese inaceitável. Primeiro, a frase "depois disto" não significa depois da era da igreja na ocasião da segunda vinda. "Depois disto" deve ser relacionado cronologicamente ao contexto em Amós. Amós primeiramente profetizou a dispersão do reino do norte de Israel⁵³ que foi realizada pelos Assírios sob Sargão em 722 B.C. A frase "depois disto", que é a paráfrase de Tiago da frase de Amós "naquele dia",⁵⁴ refere-se ao tempo do renovo messiânico algum tempo após a dispersão profetizada.

Segundo, a palavra primeiramente na sentença "Simão relatou como primeiramente Deus visitou os gentios para tomar dentre eles um povo para o Seu Nome", não significa primeiramente em sequência antes do milênio judaico. Tiago está referindo-se ao testemunho de Pedro concernente a introdução do Evangelho na casa de Cornélio,⁵⁵ onde o Evangelho foi introduzido aos gentios incircuncisos pela primeira vez e,

portanto, sequencialmente primeiro antes dos milagres realizados entre os gentios por meio de Paulo e Barnabé.

Terceiro, a cláusula "eu voltarei" não refere -se ao segundo advento. Esta cláusula não encontra-se na passagem de Amós, e alguns comentadores sugerem que esta cláusula pode ser baseada em Jeremias 12:15 onde a volta é uma retribuição de favor e uma visitação divina de bênçãos. O conceito de uma visitação de bênçãos é não incomum no Velho Testamento.⁵⁶

Quarto, a frase "o restante dos homens" não refere-se à Israel. Não há nenhuma referência a Israel nesta citação de Amós 9. Enquanto alguns dispensacionalistas atribuem esta frase aos gentios do milênio, a Bíblia de Estudo Scofield especificamente identifica esta frase com "Israelitas". Esta frase "o restante dos homens" é a tradução da Septuaginta do hebraico original que diz "o restante de Edom". Alguém pode interpretar isso como uma paráfrase interpretava Edom simbolicamente significando todos os inimigos gentílicos de Israel.⁵⁷ Ou a explicação pode ser o fato de que o texto hebraico primitivo não tinha os pontos vogais e as palavras hebraicas, referentes a Edom e humanidade (adam) sem os pontos vogais, são quase idênticas. Independentemente da explicação correta da paráfrase, esta passagem especificamente afirma que a casa de Davi seria restabelecida para que os gentios possam buscar o Senhor.

Quinto, a interpretação dispensacionalista falha em ver a conexão óbvia entre “os gentios, que são chamados pelo Meu nome” em Amós 9:12⁵⁸ e a casa de Cornélio onde “Deus, primeiramente, visitou os gentios, para tomar deles um povo para o Seu nome”.⁵⁹ Na interpretação dispensacionalista, a primeira frase refere-se aos gentios do milênio enquanto a segunda frase refere-se aos gentios da era da igreja.

Scofield, em suas anotações da Bíblia de referência, descreveu esta passagem em Atos 15 como “dispensacionalmente...a passagem mais importante no Novo Testamento”. Ele estava, talvez, correto, mas não no sentido que ele pretendia. A interpretação correta dessa passagem demonstra que, contrariamente as afirmações dispensacionalistas, uma profecia concernente a Israel e a aliança davídica judaica é, aqui, declarada ser cumprida na e através da igreja cristã na era da igreja.

A Nova Aliança

Antes de discorrer sobre a nova aliança, eu gostaria de revisar a distinção básica entre dispensacionalismo e teologia reformada. Esta distinção básica gira em torno dos conceitos de unidade, em referência ao povo de Deus, e continuidade, em referência ao programa de Deus. Primeiro, de acordo com a teologia reformada, o povo de Deus em todas as eras estão em união com Cristo e estão, portanto, juntos unidos na igreja universal, que é o Corpo e Noiva de Cristo. De acordo com o dispensacionalismo, somente aqueles que são salvos entre o Pentecostes de Atos 2 e o arrebatamento do fim dos tempos são a igreja universal. Em outras palavras, Maria, mãe de Jesus, estará na Noiva de Cristo, mas José, o esposo dela que morreu antes de Pentecostes, será meramente um convidado no casamento do Cordeiro. Além disso, o apóstolo João estará no Corpo de Cristo na eternidade, mas não João o Batista. De acordo com o dispensacionalismo, os santos do Velho Testamento que morreram antes de Atos 2 não serão aperfeiçoados junto com os santos do Novo Testamento,⁶⁰ mas, ao invés, permanecerão espiritualmente inferiores por toda a eternidade, nunca estando no Corpo e Noiva de Cristo.

Segundo, de acordo com a teologia reformada, a igreja neotestamentária é uma continuação do programa veterotestamentário e é diretamente enraizado nas alianças do Velho Testamento. De acordo com o dispensacionalismo, a igreja do Novo Testamento é um parêntese no programa que começou no Velho Testamento, não uma continuação do programa. Eles dão continuação ao programa veterotestamentário em um milênio judaico futuro, que é uma extensão glorificada do reino nacional davídico, e às leis cerimoniais veterotestamentárias.

Vamos, agora, dar continuação à nossa examinação da teoria dispensacionalista analisando o ensinamento dispensacionalista da nova aliança. Já que aqueles 27 livros das Escrituras que foram escritos depois da vida de Jesus são denominados de Novo Testamento ou Aliança, seria de esperar que todos os Cristãos reconheceria intransigentemente a natureza cristã da nova aliança. Tal reconhecimento, portanto, não é fácil ou simples para o dispensacionalista consistente.

A passagem clássica sobre a nova aliança é Jeremias 31. Por favor observe: Jeremias é uma profecia do Velho Testamento, e os dispensacionalistas ensinam que nenhuma profecia veterotestamentária pode referir-se diretamente à igreja do Novo Testamento. Também, a profecia da nova aliança de Jeremias será feita “com a casa de Israel e com a cada de Judá”,⁶¹ e os dispensacionalistas ensinam sua forte dicotomia entre Israel e a igreja. Em outras palavras, o que tem uma profecia para Israel a ver com a igreja neotestamentária em um sentido direto e primário? Nada, diz o dispensacionalista consistente. Então, para o dispensacionalista consistente, a nova aliança de Jeremias 31 deve ser para o milênio judaico e não para a era da igreja. O problema com esta interpretação que esta não harmoniza-se bem com a informação neotestamentária sobre a nova aliança.

Por exemplo, em Hebreus 8:6-13, o escritor inspirado referiu-se a Cristo como “o mediador de uma melhor aliança, que foi estabelecida em promessas melhores”, e então citou extensivamente da profecia da nova aliança de Jeremias.

Em Hebreus 10:14-18, o escritor inspirado citou da profecia da nova aliança de Jeremias em um argumento para a descontinuação de sacrifícios de animais na era da igreja. Isso, de fato, é irônico, pois o dispensacionalista relaciona esta profecia da nova aliança de Jeremias a um milênio judaico no qual sacrifícios de animais são restabelecidos!

Em Hebreus 12:22-24, a nova aliança é mencionada juntamente com vários temas veterotestamentários, tais como Monte Sião, Jerusalém, e o sangue de Abel. Esse contexto deixa pouca dúvida de que a nova aliança aqui mencionada é a nova aliança profetizada no Velho Testamento. Hebreus 12:22-24 relata todos esses conceitos do Velho Testamento, incluindo a nova aliança, diretamente ao cristão.

Em 2 Coríntios 3, Paulo referiu-se a ele mesmo e a Timóteo como “ministros do novo testamento”. Como que para remover qualquer dúvida sobre que nova aliança ele estava referindo-se, Paulo, no versículo 3, menciona o conceito da nova aliança de Jeremias nos corações humanos.⁶²

Quando Cristo inaugurou a Ceia do Senhor, Ele disse: “Este cálice é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós”.⁶³ Com o que os discípulos judaicos associaram esta afirmação? Sem dúvida, eles relacionaram-no com Jeremias 31. De qual outro novo testamento (aliança) estavam eles cientes?

Certamente, você agora pode ver que o dispensacionalista consistente tem um problema com a nova aliança. De acordo com uma aplicação consistente de suposições dispensacionalistas básicas e a hermenêutica dispensacionalista, a nova aliança de Jeremias 31 é para Israel em um milênio judaico, não para a igreja neotestamentária na era da igreja. Os dispensacionalistas, no sistema deles, estão divididos entre três soluções sugeridas a esse problema sério.

Vamos começar examinando a teoria que é mais consistente com as suposições dispensacionalistas, a teoria do Dr. Lewis Sperry Chafer e Dr. John F. Walwood, os dois primeiros presidentes do Seminário Teológico de Dallas. Essa teoria afirma que há dois novos pactos nas Escrituras, um para Israel e um para a igreja. Se uma passagem sobre a nova aliança parece relacionar -se à Israel, então a passagem está referindo-se à nova aliança judaica do milênio judaico. Se uma passagem sobre a nova aliança parece relacionar-se com à igreja neotestamentária, então a passagem está referindo-se à nova aliança cristã da era da igreja. E se uma passagem é ambígua, então esta, de alguma forma, relaciona-se às duas novas alianças.⁶⁴ Esta teoria é uma aplicação imaculada e pura da dicotomia dispensacionalista entre Israel e a igreja, mas esta requer exegese incrivelmente forçada para reconciliá-la com a informação bíblica. Parece bastante óbvio que a informação neotestamentária que já temos examinado não somente relaciona uma nova aliança à igreja, mas também claramente relaciona a nova aliança de Jeremias 31 à igreja. Esta teoria, a mais consistente dispensacionalmente, é a mais difícil de defender biblicamente. Por esta razão, esta teoria não tem recebido aceitação ampla entre os dispensacionalistas.

Uma segunda teoria dispensacionalista sobre o relacionamento da igreja com a nova aliança afirma que o cristão não está, de nenhuma forma, diretamente relacionado à nova aliança, mas está somente relacionado ao sangue da nova aliança. De acordo com esta teoria, o sangue de Cristo foi derramado primeiramente para estabelecer uma nova aliança judaica com a nação de Israel no milênio judaico, e o ofício de Cristo como Mediador da aliança relaciona-se primeiramente a um reino teocrático milenar judaico. Mas quando Deus adiou esse milênio judaico e interrompeu a parentética era da igreja, houve eficácia suficiente no derramamento do sangue de Cristo para a salvação da nação de Israel para esta também ser a base para salvação individual na era da igreja. De acordo com esta teoria, o cristão está sob os benefícios da nova aliança, mas não sob a própria

nova aliança. Isso é uma distinção bastante questionável que não é ensinado em nenhum lugar nas Escrituras. É esta teoria consistente com a afirmação de Cristo: “Este cálice é o novo testamento no meu sangue”? Esta teoria também faz a era da igreja parecer envergonhadamente secundária ao programa judaico dispensacionalista.

A terceira teoria é, provavelmente, a mais amplamente aceita entre os dispensacionalistas, mas é também a mais inconsistente com a teologia dispensacionalista. De acordo com esta teoria, a nova aliança é, primeiramente e literalmente, para Israel em um milênio judaico e é em um sentido, secundário e espiritualizado, para a igreja hoje. Esta teoria viola a dicotomia dispensacionalista entre Israel e a igreja e a hermenêutica literalista dispensacionalista. Esta permite a igreja a realizar parcialmente a profecia feita para Israel. Se a igreja pode realizar esta profecia judaica, então por que não os outros? Esta teoria, de fato, diz que a igreja pode ser identificada parcialmente com Israel. Esta teoria coloca a igreja sob uma aliança judaica e dá, a uma profecia judaica, uma aplicação eclesiástica. A própria crítica de “espiritualizar” e “alegorizar” que os dispensacionalistas tão livremente lançam contra os teólogos reformados pode também ser lançado contra esta teoria dispensacionalista que é tão popular.

A informação neotestamentária sobre a nova aliança encaixa-se bem com a teologia reformada. Não há necessidade de torcer o texto para fazê-lo encaixar-se na interpretação pessoal de alguém; nenhuma exegese artificial é necessária; nenhuma distinção microscópica é necessária. Já que a igreja neotestamentária é a continuação do programa do reino veterotestamentário e é o Israel espiritual nesta era e é a realização de muitas profecias do Velho Testamento, não há nenhum problema em relacionar a nova aliança de Jeremias 31 à igreja nesta era bem como é feito pelos escritores do Novo Testamento. A nova aliança relaciona-se diretamente ao Israel físico apenas na medida em que os judeus aceitam Cristo e sejam re-enxertados de volta na oliveira de Israel espiritual, que é a igreja.⁶⁵ A informação bíblica sobre a nova aliança é, para os construtores dispensacionalistas, uma pedra que, embora não rejeitada, encaixa-se bastante mal na sua estrutura teológica. Eles não conseguem concordar sobre como melhor aplicar o cimento no sistema deles de uma forma que encaixa. Em contraste, para o teólogo reformado, esta pedra tem se tornado a cabeça da esquina neste sistema.

Como Eles Defendem o Argumento deles

Ao passo que analiso a minha ex-devoção ao sistema dispensacionalista, creio que o argumento dispensacionalista que me prendeu mais poderosamente foi aquele com base na informação bíblica concernente ao batismo do Espírito Santo. O argumento vai assim: é o batismo do Espírito Santo que põe uma pessoa dentro do Corpo de Cristo, que é a igreja universal⁶⁶; não existia batismo do Espírito Santo antes de Atos 2⁶⁷; portanto, nenhum membro do povo de Deus que morreu antes de Atos 2 pode estar na igreja universal; assim, há uma dicotomia absoluta entre o Israel veterotestamentário e a igreja. Esse é um argumento sutil que pode, na superfície, parecer ser uma dedução lógica robusta da informação bíblica. A força aparente desse argumento, entretanto, é ilusória. Sua força desvanece no nada quando suas suposições não declaradas são examinadas. Procederemos a examinar essas suposições, escondidas, na luz penetrante das Escrituras.

Primeiro, esse argumento dispensacionalista supõe que, na glorificação, os santos do Velho Testamento não serão aperfeiçoados juntamente com os santos do Novo Testamento. Esse argumento supõe que aqueles avanços nos benefícios espirituais que historicamente foram realizados na inauguração da era neotestamentária não podem ser aplicados, em glorificação, àqueles que morreram antes da era neotestamentária começar, em plenitude, em Atos 2. Esta suposição contradiz o ensinamento das Escrituras. A salvação de ninguém, seja santo veterotestamentário ou santo neotestamentário, é aperfeiçoada ou completa durante esta vida. Esse encerramento da aplicação da salvação ocorre na glorificação na ocasião da volta de Cristo. As Escrituras claramente ensinam em Hebreus 11:39-40 que os santos do Velho Testamento serão aperfeiçoados juntos com, não à parte de, os santos do Novo Testamento porque Deus tem providenciado melhor benefícios para os santos nesta era de plenitude espiritual. Ambos os santos vetero e neotestamentários receberão os benefícios completos da obra salvífica trinitária na glorificação, e isso inclui o batismo pós-Pentecostes do Espírito para os santos do Velho Testamento.

Segundo, esse argumento dispensacionalista supõe que o batismo do Espírito em Pentecostes era totalmente diferente, em natureza, do ministério de salvação veterotestamentária do Espírito. O novo ministério da aliança pode ser ambos significativamente superior a e significativamente contínuo com Seu velho ministério de aliança. Não estava o Espírito sustentando, renovando, iluminando e capacitando o povo de Deus antes de Pentecostes? Não era esta obra, em ambas as eras, baseada na pessoa, obra e liderança aliancista de Cristo? Antes de Pentecostes, a obra salvífica do Espírito era baseada nas promessas messiânicas enquanto que, após Pentecostes, a obra salvífica do Espírito era baseada em realizações messiânicas realizadas historicamente. O ministério presente do Espírito é superior ao Seu ministério da velha aliança porque esta não mais relaciona-se ao Cristo que há de vir, mas ao Cristo que tem vindo e tem sido glorificado e que agora reina em poder.⁶⁸ O fato de que o Espírito foi derramado em plenitude sem precedentes no e depois do Pentecostes de Atos 2, não significa que o Espírito não estava anteriormente colocando o povo de Deus em união de aliança com o Cristo que estava, naquela época, ainda por vir.

Terceiro, esse argumento dispensacionalista supõe que um tipo de salvação era possível no Velho Testamento à parte da união com Cristo afetado pelo Espírito. Isso significaria que a salvação veterotestamentária não poderia ter incluído aqueles benefícios espirituais baseados em ser colocados em Cristo pelo Espírito. Isso incluiria até mesmo a regeneração,⁶⁹ justificação, ou seja, liberdade da condenação divina,⁷⁰ santificação, ou seja, liberdade do domínio do pecado,⁷¹ e um lugar na ressurreição do justo sob a liderança aliancista de Cristo!⁷² União com Cristo, até certo ponto através da obra do Espírito, deveria ter sido possível no Velho Testamento, ou poderia não ter tido salvação veterotestamentária, nenhuma mesmo. É claro, o santo do Velho Testamento não viveu na era da plenitude espiritual iniciada pela obra redentora histórica do Filho, mas o Velho Testamento também não era uma era em que todos os efeitos principais da obra do Filho estavam absolutamente e totalmente ausentes! Deus aplicou a obra do Filho aos crentes veterotestamentários, até certo ponto, mesmo antes que esta obra fosse historicamente realizada.

Quarto, esse argumento dispensacionalista fracassa em reconhecer a relação íntima entre o batismo espiritual e a circuncisão espiritual (Colossenses 2:11-12). Certamente havia circuncisão espiritual no Velho

Testamento. Isso era um ministério veterotestamentário do Espírito que muito provavelmente diferiu do batismo espiritual neotestamentário somente em medida.

Quinto, há o fato de que o Novo Testamento fala de salvação em Cristo como uma participação nas alianças da promessa do Velho Testamento.⁷³ Isso seria, de fato, irônico se a salvação veterotestamentária fosse realizada à parte de qualquer união com Cristo.

Há um outro argumento dispensacionalista que é semelhante àquele acima. Esse argumento é baseado no fato de que o Novo Testamento refere-se à era da igreja como um mistério. Nas Escrituras, um mistério é um segredo previamente desconhecido que Deus tem, de modo novo, revelado. Os dispensacionalistas argumentam que a era da igreja era um mistério nos tempos do Velho Testamento em um sentido absoluto. Já que a era da igreja era absolutamente desconhecida no Velho Testamento, então nenhuma profecia veterotestamentária poderia referir-se à era da igreja. Isso significa que todas as profecias veterotestamentárias sobre uma era vindoura tinha que referir-se ao milênio judaico dispensacional, não à era da igreja. Então a igreja é verdadeiramente um parêntese não previsto no programa de Deus para Israel. A resposta reformada para esse argumento é que a igreja era um mistério em um sentido relativo. Esta resposta está baseada em Efésios 3:3-6:

“o mistério..., o qual, em outras gerações, não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como, agora, foi revelado pelo Espírito aos santos apóstolos e profetas de Deus”. O como aqui é comparativo, o que indica que a era da igreja era relativamente desconhecida no Velho Testamento, não absolutamente desconhecida. Certas características da era da igreja que são referidas aqui como um mistério⁷⁴ são, em outros lugares, mostradas como preditas nas profecias veterotestamentárias,⁷⁵ o que prova que o mistério é relativo, não absoluto.

Outro argumento dispensacionalista está baseado na afirmação de Cristo: “edificarei a Minha igreja”.⁷⁶ Os dispensacionalistas argumentam que se a igreja fosse então alguma coisa somente sendo edificada, então esta não poderia ter existido nos tempos do Velho Testamento. A resposta para esse argumento é simples. A igreja neotestamentária na época do ministério terreno de Cristo era ambas velha e nova. Era velha no sentido de que o conceito de Deus ter uma igreja ou um povo chamado para fora estava enraizado no Velho Testamento. A igreja neotestamentária é nova

no sentido que o povo de Deus alcançou uma nova maturidade dispensacional naquela época por causa da obra histórica do Filho. A igreja veterotestamentária estava na infância das sombras cerimoniais e era um reino confinado nacionalmente; a igreja neotestamentária estava na maturidade de realidades espirituais e era um reino universalizado. No Velho Testamento, Moisés serviu à igreja como um servo; no Novo Testamento, Cristo foi fiel sobre a igreja como um Filho.⁷⁷ A novidade em Mateus 16:18 não é o conceito de uma igreja, mas o conceito do povo de Deus pertencendo a Cristo em uma forma nova e íntima. Cristo estava referindo-se à igreja madura de realidades messiânicas em oposição à igreja imatura de prefigurações messiânicas. E Cristo edificou a igreja neotestamentária não a partir do nada, mas do material da igreja veterotestamentária, substituindo as sombras tipológicas pela substância espiritual e expandindo a tenda judaica para incluir os gentios.⁷⁸

Um argumento muito semelhante a esse, com base em Mateus 16:18, é o baseado em Efésios 2:20, onde os apóstolos e profetas são ditos serem o fundamento da igreja. Se a igreja descrita como um templo fundado nos apóstolos neotestamentários e em Cristo, argumenta o dispensacionalista, então a igreja não pode ter uma fundação veterotestamentária. Alguns podem ser tentados a responder isso argumentando que Efésios 2:20 ensina que a igreja está fundada nos profetas veterotestamentários bem como nos apóstolos neotestamentários. É melhor reconhecer que os profetas em Efésios 2:20 são profetas do Novo Testamento.⁷⁹ Efésios 2:20 está referindo-se à igreja em sua manifestação neotestamentária, à igreja em sua maturidade messiânica, e não à igreja em seu sentido mais amplo. A passagem que discorre sobre a igreja em seu sentido mais amplo com o uso de uma figura arquitetônica é Apocalipse 21:9-14. A palavra igreja, como usada no Novo Testamento, pode referir-se amplamente aos eleitos de todas as eras ou pode referir -se estritamente à assembleia do Israel veterotestamentário, à comunidade da aliança em suas manifestações neotestamentárias, ou a uma congregação local do Novo Testamento. Em Efésios 2:20, a palavra igreja nem mesmo é usada diretamente. A referência é ao “novo homem”⁸⁰, que refere-se à igreja em sua forma neotestamentária. Se alguém examinar a igreja como a comunidade com a promessa da salvação de Deus, sua fundação remonta-se, em última análise, à aliança Trinitária da redenção na eternidade passada e remonta-se, historicamente, à promessa do Redentor da Semente a Adão e Eva depois da queda. Se alguém examinar a igreja como uma comunidade de

aliança com um sistema de administração sacramental, sua fundação remonta-se às alianças abraâmica e mosaica. Se alguém examinar a igreja como a comunidade de aliança da plenitude messiânica, então sua fundação é a obra histórica de Cristo e os apóstolos e profetas neotestamentários. Efésios 2:20 é admitidamente uma discussão da igreja estritamente em sua forma neotestamentária, mas Efésios 2:12-19 salienta a forte continuidade da igreja neotestamentária com o Israel veterotestamentário. A teologia reformada reconhece ambas a novidade da igreja do Novo Testamento e a sua continuidade com a comunidade de aliança do Velho Testamento. O dispensacionalista radicaliza a primeira e nega a última. Também, o teólogo reformado reconhece que a palavra igreja as vezes refere-se aos eleitos de todas as eras⁸¹ e à assembleia do Israel veterotestamentário.⁸²

Analisarei mais um argumento que o dispensacionalista usa. Eles argumentam que, já que o Novo Testamento continua a distinguir entre israelitas físicos, gentios físicos e a igreja cristã,⁸³ então não pode-se identificar Israel e a igreja. Afinal, Israel e a igreja são mantidas separadas nas Escrituras. Esse argumento está baseado em um entendimento excessivamente restrito do termo Israel.

Embora o Israel físico possa ter um sentido de identidade racial, filiação em Israel nunca tem sido uma questão estritamente racial. Israel era o nome da comunidade de aliança do Velho Testamento que era distinguida das nações pela observação das leis cerimoniais veterotestamentárias. Descendência física de Abraão era enfatizada, mas os gentios poderiam juntar-se a Israel através das leis de proselitismo. Na genealogia de Davi, encontramos Tamar a cananéia, Raabe a meretriz de Jericó, e Rute a moabita. Uma multidão mista saiu do Egito com os descendentes físicos de Abraão.⁸⁴ Os gentios em vários lugares do mundo antigo tornaram-se judeus nos dias da Rainha Ester.⁸⁵ Durante a era dos Macabeus intertestamentário, muitos Edomitas, descendentes de Esaú, tornaram-se judeus.⁸⁶

Também, os membros de Israel podem ser excomungados da comunidade da aliança por certos pecados despóticos. Quando a maior parte de Israel caiu em idolatria, os profetas falaram do remanescente dentro da nação que eram judeus interiormente bem como externamente. Esse conceito de ser um verdadeiro judeu interiormente foi salientado por João o Batista,⁸⁷ Jesus,⁸⁸ e Paulo.⁸⁹ Alguém pode ser um membro de Israel fisicamente, nacionalmente, culturalmente e religiosamente sem ser um

membro de Israel espiritualmente. Nesta era da nova aliança, o judeu físico deve seguir o exemplo de Zacarias e crer em Cristo para ser um verdadeiro filho de Abraão.⁹⁰

Quando os líderes nacionais de Israel endureceram seus corações em rejeição do Cristo, Jesus tomou o reino deles e deu-o ao remanescente justo dentro da nação que tinha aceitado Ele e a quem Ele chamou de “pequeno rebanho”.⁹¹ Por um tempo, o status dos judeus descrentes como membros da comunidade de aliança com um interesse especial nas promessas de Deus foi honrada,⁹² mas aqueles que endureceram em sua rejeição foram eventualmente cortados da árvore do Israel verdadeiro.⁹³ No livro de Atos, aprendemos como os gentios vieram a ser aceitados dentro da comunidade de aliança sem tornarem-se judeus praticantes.⁹⁴ Ramos crentes da oliveira dos gentios foram enxertados no povo da aliança de Deus.⁹⁵ Nesta nova era da aliança, muitos gentios têm seguido o exemplo do centurião romano de grande fé e têm vindo do oriente e ocidente para assentarem-se com Abraão, Isaque e Jacó no reino do céu.⁹⁶ Assim, o “novo homem” da igreja neotestamentária, que consiste de ambos judeus e gentios, tornou-se o verdadeiro herdeiro das promessas de aliança do Velho Testamento.⁹⁷

No Novo Testamento, alguém pode ser um judeu físico e não ser um judeu espiritual,⁹⁸ e alguém pode ser um gentio físico e ser um descendente espiritual de Abraão.⁹⁹ Portanto, o fato de que a palavra Israel pode referir -se aos judeus físicos ou ao Israel étnico ou aos herdeiros religiosos dos fariseus, não implica que a igreja não seja o Israel espiritual, o Israel verdadeiro de Deus¹⁰⁰ e o verdadeiro herdeiro das alianças veterotestamentárias.

Precisamos também reconhecer que enquanto ambos cristianismo e judaísmo têm raízes na religião do Velho Testamento, somente o cristianismo é a semente de acordo com a promessa¹⁰¹ e o verdadeiro herdeiro das alianças veterotestamentárias. Enquanto o Israel étnico permanecer na dureza e cegueira espiritual por meio de sua rejeição do Messias de Deus, esta permanece cortada do Israel espiritual e da seiva da graça salvífica¹⁰² de Deus e é um inimigo de Deus com relação ao Evangelho.¹⁰³ Ao mesmo tempo, precisamos de reconhecer que há um sentido em que o Israel étnico permanece amado de Deus devido ao papel especial de seus pais na história redentora e por causa da sua eleição nacional sob a velha aliança.¹⁰⁴ Deus tem escolhido o Israel étnico como Seu povo sob a velha aliança e “os dons e o chamado de Deus são sem

arrependimento”.¹⁰⁵ Por causa do respeito de Deus da participação anterior de Israel étnico nas promessas da aliança, a apostasia por parte de Israel étnico do Israel espiritual nunca será plena ou final. Sempre haverá um remanescente eleito dentro do Israel étnico que são judeus interiormente bem como externamente e, assim, membros do verdadeiro Israel de Deus, que é a igreja cristã.¹⁰⁶ E o Israel étnico experimentará, um dia, uma plenitude espiritual que estará em contraste direto à dureza, cegueira e tropeço de sua rejeição nacional de Jesus.¹⁰⁷ Deus continua tendo um lugar para o Israel étnico em Seus planos proféticos apesar de seu tropeço nacional, mas esse futuro não está divorciado da igreja cristã. Na verdade, esse futuro será realizado em e através da igreja cristã quando os ramos naturais cortados forem enxertados de volta na oliveira por meio da fé em Cristo.¹⁰⁸

Em resumo, vemos que o dispensacionalismo salienta, excessivamente, as diferenças de tipo entre o Velho e Novo Testamentos a ponto de negligenciar a sua relação orgânica de continuidade desenvolvimental. O Israel do Velho Testamento era a igreja em infância; Atos 2 foi o Bar Mitzvah igreja; a igreja neotestamentária é Israel desenvolvido em maturidade. A igreja neotestamentária é organicamente relacionada ao Israel veterotestamentário como a idade adulta de um homem é organicamente relacionado à infância desse mesmo homem.¹⁰⁹ Em tal relacionamento, há ambas novidade e continuidade.

Literalismo

Creio que se você fosse perguntar ao dispensacionalista conhecedor para especificar o elemento mais básico e fundamental em seu sistema, ele provavelmente diria literalismo consistente ou alguma expressão equivalente. O dispensacionalista crê que o literalismo consistente é a chave básica para a interpretação correta das Escrituras e a única proteção segura contra o liberalismo. A crítica principal do dispensacionalista contra o teólogo reformado é que o último “espiritualiza” ou “alegoriza”, o que significa dizer que ele não é consistentemente literal no sentido dispensacionalista da expressão.

Esta crítica dispensacionalista mais frequentemente refere-se ao fato de que o teólogo reformado toma as profecias veterotestamentárias que falam de Israel e aplica-as diretamente à igreja neotestamentária. Muitos dispensacionalistas também consideram o teólogo reformado como um liberal incipiente porque eles creem que é somente a inconsistência do teólogo reformado e seu fracasso em aplicar sua hermenêutica (i.e., sistema de interpretação) não literal, por todo seu sistema de teologia, que salva-o do liberalismo. Afinal, a “espiritualização” das profecias judaicas, por parte do teólogo reformado, por meio de sua aplicação diretamente à igreja difere somente em grau da espiritualização, por parte dos liberais, do relato da criação ou do nascimento virginal ao dizer que esses são mitos, raciocina o dispensacionalista. Assim, o dispensacionalista está emocionalmente comprometido a sua hermenêutica literal. O dispensacionalista tende a crer que ele, somente, tem a coragem moral e a integridade necessária de aceitar o que as Escrituras literalmente ensinam.

A importância do literalismo consistente para o dispensacionalista não pode ser sobrestimado. Os dispensacionalistas gostam de argumentar que o literalismo consistente é seu primeiro princípio e que as teorias da dicotomia e parêntese logicamente decorrem da aplicação desse primeiro princípio ao estudo das Escrituras. Creio que a realidade é o contrário: a interpretação dispensacionalista usa o grau de literalismo necessário para interpretar as profecias em termos da dicotomia dispensacionalista e suposições da teoria do parêntese.

Algumas passagens dramaticamente demonstram a dificuldade em tentar interpretar profecias com o chamado literalismo consistente. Uma tal classe de passagens são as que os dispensacionalistas aplicam ao seu milênio judaico e que refere-se a alguns inimigos antigos do Israel veterotestamentário que, a muito tempo atrás, deixou de existir, tais como os amonitas,¹¹⁰ os assírios,¹¹¹ os edomitas,¹¹² os egípcios,¹¹³ e os moabitas.¹¹⁴ Poucos dispensacionalistas interpretam essas profecias para referirem-se literalmente a esses povos antigos cujas identidades genéticas foram perdidas muito tempo atrás, mas se Israel deve significar Israel, então por que Edom não precisa significar Edom ou Assíria significar Assíria? Por que não tem Deus preservado esses povos antigos como Ele tem preservado a raça judaica por uma questão de cumprimento profético literal?

Algumas profecias veterotestamentárias também mencionam relacionamentos familiares judaicos antigos e tribais que foram preservados até os tempos neotestamentários, mas que há muito tempo tem sido perdido por meio dos casamentos mistos.¹¹⁵ Deus permitiu que essas genealogias judaicas, preservadas a muito tempo, fossem perdidas quando os romanos destruíram Jerusalém. Uma vez que os relacionamentos tribais e familiares são perdidos, esses não podem ser restaurados, exceto ao ressuscitar as cabeças das famílias e tribos e começar novamente. Como essas profecias serão realizadas literalmente?

A passagem mais comumente mencionada em discussões sobre a dificuldade apresentada ao literalismo dispensacionalista é a visão do templo de Ezequiel (Ezequiel 40-48). Os dispensacionalistas estão em busca de uma reinstituição de sangrentos sacrifícios de animais em um templo milenar construído de acordo com a descrição encontrada nesta passagem. Os dispensacionalistas são cuidadosos ao especificar que esses sacrifícios são meramente memoriais da morte de Cristo e que serão o equivalente milenar da Ceia do Senhor. O problema com isso é que a visão de Ezequiel refere-se a esses sacrifícios como literalmente fazendo expiação.¹¹⁶ É claro, um dispensacionalista pode ir ao livro de Hebreus para provar que sacrifícios de animais no Velho Testamento nunca literalmente tirou os pecados.¹¹⁷ Quando o teólogo reformado, entretanto, vai para Hebreus para provar que os sacrifícios de animais acabaram para sempre por meio da oferta, uma vez por todas, de Cristo,¹¹⁸ então isso é “interpretação teológica” e “impropriamente usando o Novo Testamento

para interpretar o Velho Testamento”, duas práticas que os dispensacionalistas rotineiramente criticam.

Outra área onde o literalismo estrito é difícil são aquelas profecias que os dispensacionalistas interpretam como eventos do fim dos tempos e que referem-se a sistemas de armas antigas. Por exemplo, Ezequiel 38-39 é uma passagem que os dispensacionalistas interpretam como referindo a uma invasão, no fim dos tempos, de Israel pelo exército Russo. E a profecia fala desse exército como sendo equipado com armas primitivas: “os escudos e rodela, ...arcos e flechas, e...bastões de mão e lanças”.¹¹⁹ Essas armas são, em grande medida, feitas de madeira como é evidenciado por serem queimadas como lenha. Ensinar que o profeta estava simplesmente falando de guerra em termos familiares ao Israel antigo seria comprometer a hermenêutica literal dispensacionalista. Se o profeta pudesse ter profetizado uma guerra com armas modernas em termos das armas primitivas com as quais o Israel primitivo estava familiarizado, então o profeta poderia também ter profetizado a era da igreja em termos do sistema religioso veterotestamentário com o qual o Israel antigo estava familiarizado. Se o dispensacionalista não interpretar literalmente as armas de madeira de Ezequiel 39, então ele tem pouca base para clamar “espiritualização” quando o interpretador reformado interpretar a visão do templo de Ezequiel, nos capítulos imediatamente em seguida, como uma profecia da era da igreja em termos do sistema religioso do Velho Testamento.

Outra passagem onde os dispensacionalistas geralmente insistem na literalidade estrita é a descrição da Nova Jerusalém em Apocalipse 21. A visão da nova Jerusalém de Apocalipse 21, se interpretada com literalidade estrita, envolve a descida à terra de uma cidade cujo comprimento, largura e altura são, cada um, 12.000 estádios (i.e., aproximadamente 1.500 milhas). É claro, Deus poderia realizar tal proeza, mas não é mais provável que essas dimensões exorbitantes foram usadas intencionalmente para prevenir uma interpretação excessivamente literal? Também, o uso no número altamente simbólico 12.000 pareceria suficiente para indicar que esta cidade, que em outros lugares é literalmente dita ser a Noiva de Cristo,¹²⁰ é um símbolo referente ao número completo do povo de Deus de todas as eras. O número doze está associado com as doze tribos de Israel e os doze apóstolos¹²¹ e, portanto, com o povo da aliança de ambas as eras. Os números dez e mil estão associados com plenitude ou encerramento. Por que a insistência em uma

cidade literal com tais dimensões exorbitantes e desproporcionais relativas ao planeta terra?

Os dispensacionalistas, por vezes, deixam de lado esta insistência de ser literal se possível na interpretação profética. Por exemplo, no Salmo 22, foi profetizado que o Messias seria rodeado por “touro de Basã”. A maioria dos intérpretes interpretam esta profecia como referindo-se àquelas pessoas que perseguiram nosso Senhor em Sua paixão. Deve-se admitir, entretanto, que esta interpretação não é uma interpretação “literal se possível” da passagem. E, no entanto, eu não estou ciente de nenhum dispensacionalista que insiste, em nome do literalismo, que nosso Senhor em Seu segundo advento deve sofrer de novo sob as ameaças de touros literais advindos de Basã literal para realizar toda a profecia literalmente. Ainda assim, esses mesmos interpretadores argumentam que Cristo não começará o Seu reino messiânico profetizado até que Ele esteja reinando de um Monte Sião literal na Palestina literal¹²², apesar do Novo Testamento ensinar ambos que Cristo obteve Seu trono messiânico na Sua ascensão ao céu¹²³ e que o Monte Sião e Jerusalém na era são realidades celestiais.¹²⁴

Os editores da Nova Bíblia de Referência de Scofield [New Scofield Reference Bible] têm feito uma admissão significativa com relação ao literalismo e a interpretação de profecias veterotestamentárias. Eles têm reconhecido que os sacrifícios de animais na visão do templo de Ezequiel não precisam ser interpretados literalmente, mas podem ser validamente considerados como uma profecia geral de uma adoração futura em termos da economia veterotestamentária com a qual os destinatários originais da profecia estavam familiarizados.¹²⁵ Se esse princípio pode ser aplicado aqui, então por que não em outros lugares em outras profecias da era messiânica? Se esse princípio aplica-se aos sacrifícios na visão do templo de Ezequiel, então por que não também a toda a configuração do templo? Uma vez que esse princípio é reconhecido com relação a um elemento de adoração veterotestamentário, é arbitrário negá-lo com relação a outros elementos de adoração veterotestamentário e outras profecias messiânicas. Quanto mais esse princípio é aplicado na interpretação dispensacionalista de profecia, menos judaístico será o milênio dispensacionalista e mais perto virá a interpretação dispensacionalista da interpretação profética reformada tradicional.

Comecei esse capítulo com algumas críticas que os dispensacionalistas têm da hermenêutica reformada. Permita-me concluir respondendo essas

críticas. Primeiro, o literalismo consistente não é a chave final da interpretação bíblica correta. É muito subjetivo e racionalístico. A consistência de um homem é o absurdo de outro homem. Literalismo consistente significa que o interpretador deve, em última análise, olhar para o seu próprio senso de uso literário para determinar o grau de literalismo e figurativismo nas profecias.

A hermenêutica correta envolve um estudo de como as Escrituras interpretam as outras Escrituras como um guia ao que é linguagem normal biblicamente. Se a interpretação, por parte de Mateus, de profecias parece anormal a nós, então devemos ajustar nosso entendimento do que é a linguagem normal.

A hermenêutica correta envolve uma disposição para interpretar passagens difíceis das Escrituras à luz do ensinamento de passagens mais claras das Escrituras. Não deve-se edificar um sistema teológico em interpretações possíveis de passagens poéticas ou apocalípticas quando essas interpretações requerem que torça-se o claro significado de passagens didáticas óbvias.

A hermenêutica própria envolve uma dependência de oração no Espírito Santo, que santifica em verdade. O interpretador não deve ser um racionalista que põe sua confiança final em seu próprio senso pessoal de linguagem. O senso pessoal próprio de linguagem, do interpretador, é confiável somente até o ponto que tem sido santificado pelo Espírito em verdade. O interpretador deve humildemente reconhecer que sua dependência final está na iluminação do Espírito para ter discernimento espiritual e ter livramento de vieses pecaminosos e cegueiras. Interpretação das Escrituras é uma busca moral bem como uma busca intelectual. Somo dependentes do Espírito para ajudar-nos a entender as Escrituras como Deus quis que elas fossem entendidas.

Segundo, o literalismo estrito não é a proteção final contra o liberalismo. Falsos professores defendem suas teologias distorcidas ambos por literalizar as Escrituras e por alegorizar as Escrituras. A verdadeira proteção contra a distorção doutrinária é a real submissão à iluminação, do Espírito, do texto inspirado. Somente aqui, nesta dupla combinação de Palavra e Espírito, encontra-se a verdade seguramente protegida contra o erro.

Em última análise, verdade e entendimento são dons de Deus. Como é verdade com muitas questões, nós, no final, chegamos à antinomia aparente entre responsabilidade humana e soberania divina. Sou

moralmente responsável por ver e obedecer a mensagem clara das Escrituras. À parte de Cristo, não posso fazer nada e estou espiritualmente cego e morto. Quando eu entendo e obedeco a mensagem de Deus, é um presente imerecido de Deus. E ainda assim minha inabilidade natural e minha dependência total em Deus não me alivia de minha responsabilidade de usar todas as minhas faculdades, dadas por Deus, no esforço de entender Sua Palavra. E se estou certo e meus amigos dispensacionalistas estão errados em entender as profecias, não tenho nenhuma base para jactar-me. Pois o que tenho que não recebi? Todo dom bom e perfeito é de cima.

Interpretando os Profetas

Interpretar profecias bíblicas não é exatamente como ler o jornal da manhã. Ler profecias bíblicas significa encontrar afirmações sobre os poderosos touros de Basã, bestas compostas estranhas, exércitos de gafanhotos, e eventos cataclísmicos nos céus e na terra. Alguém não encontra frequentemente linguagem como esta mesmo nos tabloides mais extravagantes. Interpretar esse tipo de linguagem é um desafio, especialmente já que não estamos mais cercados pelo contexto cultural e linguístico no qual as profecias bíblicas foram originalmente dadas. Interpretando profecias, entretanto, é um desafio que todo cristão deveria aceitar. Toda a Escritura é proveitosa para o ensino e instrução, não só as porções mais fáceis de entender da Escritura.

O dispensacionalista e o interpretador reformado têm discordâncias básicas sobre como a linguagem profética deveria ser interpretada. Não seria prático discorrer sobre todas as profecias das Escrituras neste capítulo e explicar as diferenças entre as abordagens, de interpretação, dispensacionalista e reformada. Uma abordagem mais prática seria examinar algumas das questões gerais na interpretação de profecias já que essas relacionam-se às diferenças básicas entre a interpretação profética dispensacionalista e reformada.

Uma crítica fundamental que os dispensacionalistas fazem contra a interpretação reformada de profecias é que o interpretador reformado trata as profecias com uma hermenêutica (i.e., sistema de interpretação) diferente da que ele usa com o restante das Escrituras. O ponto básico aqui é a questão simples do que era a linguagem “normal” quando Deus falou sobre o então futuro distante. Deveríamos supor que Deus tivesse falado através dos profetas sobre o então futuro distante com a mesma linguagem básica que Ele usou quando Ele compilou a história do povo da aliança? Ou deveríamos supor uma diferença literária básica entre Gênesis e Zacarias, entre 1 Samuel e Daniel, entre Atos dos Apóstolos e o Apocalipse de João? É a única diferença literária entre história e profecia preditiva uma que olha para o passado e a outra para o futuro? Deveríamos

interpretar a profecia preditiva como se esta fosse história pré-escrita ou reportagem jornalística futurística?

De acordo com interpretadores reformados, há uma diferença básica literária entre crônicas históricas e visões proféticas. Muitas profecias veterotestamentárias foram dadas em sonhos, visões, e enigmas¹²⁶ em que esperar-se-ia encontrar mais linguagem figurativa do que em relatos históricos ou literatura didática. Não deve-se interpretar os profetas como se a mensagem deles estivesse na forma literária básica de história pré-escrita.

Uma das maiores diferenças entre o entendimento reformado e o dispensacionalista da linguagem “normal” nos livros proféticos gira em torno da questão de se os profetas já chegaram a falar do futuro em termos do passado. A posição reformada é que Deus, por meio dos profetas veterotestamentários, revelou verdades selecionadas sobre a então era vindoura da igreja sem revelar tudo sobre a era da igreja. Nos livros proféticos veterotestamentários, Deus revelou essas verdades selecionadas sobre a era da igreja no contexto descritivo da economia religiosa e política básica do Velho Testamento com as quais os profetas e seus ouvintes estavam familiarizados. Deus falou profeticamente do futuro desconhecido em termos da então conhecida e compreendida realidade. Deus conduziu os profetas veterotestamentários a predizerem certos aspectos essenciais da era da igreja em termos dos detalhes concretos do mundo veterotestamentário mesmo que alguns desses detalhes desapareceriam na era vindoura. De acordo com o interpretador reformado, esta era a forma normal de Deus revelar verdades selecionadas sobre o futuro distante. De acordo com o dispensacionalista, isso seria uma forma enganosa de Deus ter falado sobre o futuro distante.¹²⁷

Os resultados práticos do entendimento dispensacionalista da linguagem “normal” nas profecias é a posição dispensacionalista de que nenhuma profecia veterotestamentária pode referir-se diretamente à era da igreja. Por exemplo, já que as profecias sobre os gentios adorando o Deus de Abraão na era messiânica são geralmente dadas no contexto descritivo da economia religiosa e política básica veterotestamentária, essas profecias devem ser cumpridas na era judaica vindoura quando esse contexto religioso e político básico será literalmente restabelecido. A era da igreja, portanto, deve ser vista como um parêntese totalmente não revelado no programa judaico profetizado nos profetas. O dispensacionalista, Dr. Lewis Sperry Chafer, deu esta descrição da teoria do parêntese:

“O novo programa divino (i.e., a era da igreja), intencionalmente, não tinha sido revelada antes de sua inauguração. Este veio, portanto, não somente com grande rapidez, mas totalmente sem revelação veterotestamentária. O caso seria quase paralelo se um projeto novo e imprevisito fosse forçado neste tempo para substituir o cristianismo”.¹²⁸

Outra área lucrativa para examinar é a interpretação “normal” de tipos proféticos. Ao usar um tipo profético, a pessoa toma um evento ou uma pessoa ou uma instituição do passado e usa-o para falar a respeito do presente ou do futuro. O evento, pessoa, ou instituição escolhida tem ambos uma forma e uma substância. A substância é a característica geral proeminente e a essência real da questão, e a forma envolve todas as especificidades detalhadas, mas incidentais. Quando um tipo profético é usado para divinamente prever o futuro distante, não é normal esperar por uma reprodução exata de todos os detalhes incidentais ou o reaparecimento do original literal.

Um bom exemplo* de um tipo profético é a profecia veterotestamentária em que Elias precederia a volta de Cristo.¹²⁹ Estava esta profecia por ser cumprida literalmente por um Elias ressuscitado ou tipologicamente?

Lemos em Lucas 1:17 que João o Batista realizou esta profecia ao vir “no espírito e poder de Elias”. O que é isso, senão um uso bíblico de um tipo profético? João o Batista não era o Elias ressuscitado literalmente que os judeus estavam esperando,¹³⁰ mas ele era o cumprimento verdadeiro da profecia de Malaquias a respeito de Elias.¹³¹

* Um outro exemplo de um tipo profético encontra-se na profecia em Amós 9:11-12 sobre a ressurreição da tenda caída de Davi. Em um capítulo anterior, observamos o uso dessa profecia em Atos 15 e a controvérsia sobre se ela refere-se à era da igreja ou ao milênio judaico dispensacionalista. Há, também, controvérsia sobre o significado de quem é o Davi na profecia. Os teólogos reformados reconhecem que Davi era um tipo de Cristo e creem, com base na interpretação tipológica, que esta profecia a respeito do rei Davi, na verdade, refere-se ao seu antítipo, o rei Jesus. Alguns dos principais interpretadores dispensacionistas que estão genuinamente esforçando-se para ser consistentemente literais creem, ao invés, que essa profecia refere-se ao Davi veterotestamentário ressuscitado, ao qual será dado um vice-reino milenar. Falando literalmente, [para os dispensacionistas] Davi não significa Jesus assim como Israel não significa a igreja. Se a interpretação tipológica é válida em Amós, então por que não também em Ezequiel e em outras passagens?

Outra área de estudo interessante é o uso do Novo Testamento de profecias veterotestamentárias. Os dispensacionalistas rotineiramente afirmam que todo cumprimento de profecias no Novo Testamento é um cumprimento literal. Esta afirmação simplesmente não é verdade. Olhe para o cumprimento de profecias em Mateus 2:13-18. Oséias 11:1 falou do êxodo de Israel do Egito, e Mateus viu o retorno de Cristo para a Palestina desde o Egito como um cumprimento de Oséias 11:1. Jeremias 31:15 falou do choro da Raquel metafórica, a mãe de Benjamin, quando os presos judaicos foram deportados para a Babilônia desde Ramá, uma cidade no território de Benjamin. Mateus viu a matança, de Herodes, dos bebês em Belém (o local da sepultura de Raquel) como o cumprimento de Jeremias 31:15. Eram esses cumprimentos literais de profecias? Não, esses eram cumprimentos tipológicos nos quais a nação de Israel era um tipo de Cristo, a Descendência definitiva de Abraão. A proteção de Deus da nação de Israel, no Egito, na infância dessa nação durante uma fome perigosa e em seguida chamando a nação para fora do Egito para Canaã era a tipologia profética da fuga de Cristo para o Egito, quando ele era uma criança, até a morte de Herodes. Ademais, a tristeza em Ramá, onde os babilônios ajuntaram o último grupo de judeus cativos, era uma tipologia profética da tentativa de Herodes de destruir a Descendência Messiânica de Abraão. Mateus, sem dúvida, aceitou o conceito do cumprimento tipológico de profecias.

A última área a examinar é a ênfase relativa colocada em permitir que a Escritura interprete a Escritura nos dois sistemas. A interpretação profética reformada põe, sim, grande ênfase em permitir que a Escritura interprete a Escritura. Se Pedro indicou que a profecia de Joel com relação ao derramamento do Espírito foi cumprida em Pentecostes, então isso deveria influenciar a interpretação, de alguém, da profecia de Joel. Se Paulo disse que a verdadeira Descendência de Abraão é Cristo e aqueles que estão em união de aliança com Cristo,¹³² então esse fato deveria influenciar a interpretação, de alguém, da aliança abraâmica. A suposição aqui é que o único interpretador infalível da Escritura é a própria Escritura, e o interpretador humano falível deveria estudar esta interpretação infalível e inspirada de profecia como um guia para toda interpretação profética. Como alguém expressou-se tão poeticamente: Devemos navegar nosso navio de interpretação na esteira da hermenêutica dos apóstolos. O dispensacionalista, no entanto, rejeita isso como “impropriamente usando o Novo Testamento para interpretar o Velho

Testamento”. O dispensacionalista supõe que através de um estudo independente e neutro das leis da linguagem, pode-se chegar no correto entendimento da interpretação profética veterotestamentária sem nenhuma ajuda da revelação neotestamentária.

O interpretador reformado acredita que os profetas veterotestamentários não foram destinados por Deus para serem facilmente entendidos como algumas outras porções das Escrituras. Muitas profecias veterotestamentárias foram dadas em sonhos, visões e enigmas em que esperar-se-á encontrar discurso um tanto figurativo e revelação menos clara. Esse ponto de vista de profecia não é mera suposição, pois as Escrituras dão indicação concreta que os livros proféticos veterotestamentários não eram para ser as porções mais fáceis de entender de revelação divina. Moisés foi dito ser superior aos outros profetas veterotestamentários em que Deus falou claramente a ele e não em enigmas.¹³³ Nenhum outro profeta como Moisés, “a quem o Senhor conheceu face a face”,¹³⁴ levantou-se até o Cristo, que foi tido por digno de tanto maior glória do que Moisés¹³⁵ e quem era o Profeta profetizado semelhante a Moisés.¹³⁶ Assim, enquanto Deus falou no Velho Testamento por meio dos profetas “muitas vezes e de muitas maneiras”, Ele tem “nestes últimos dias falado a nós por meio do Seu Filho”, que é “a expressa imagem da Sua pessoa”,¹³⁷ que tem visto o Pai,¹³⁸ que tem explicado Deus,¹³⁹ e que desceu do céu para testemunhar o que Ele realmente tem visto.¹⁴⁰ Através da inspiração do Espírito derramado, esse ápice de revelação continuou com os apóstolos.¹⁴¹ O Novo Testamento, então, é a revelação final, plena e mais clara de Deus. O interpretador reformado crê que a revelação neotestamentária é mais clara e mais fácil de compreender do que a maior parte da revelação nos profetas. E o interpretador reformado tende a crer que as passagens menos claras das Escrituras deveriam ser interpretadas à luz das passagens mais claras relevantes, não vice-versa.

O Velho Testamento é a fundação e histórico do Novo Testamento e é indispensável para o entendimento correto do Novo Testamento. O Novo Testamento é a revelação infalível do desenvolvimento divino do programa veterotestamentário na plenitude do tempo e é indispensável para entender o Velho Testamento com a clareza da nova aliança. O Novo Testamento nos fala sobre o Velho Testamento como um carvalho nos fala sobre uma bolota. O homem que tem visto o carvalho completamente crescido pode entender melhor o significado e sentido da bolota. Para usar

outra ilustração, o Novo Testamento ajuda na compreensão do Velho Testamento assim como observar um espécimen sob um microscópio com maior magnificação ajuda entender o que é visto com magnificação menor. Vamos dizer que dois homens estão observando um espécimen magnificado vinte vezes, mas que um deles também tem visto o mesmo espécimen magnificado cem vezes. Aquele homem que tem visto a maior magnificação estará ciente de detalhes que o outro homem nem pode ver, e ele irá mais precisamente entender e interpretar aqueles detalhes que ambos os homens podem ver com a magnificação menor. De acordo com interpretação reformada, nós hoje, com a ajuda do Novo Testamento, podemos entender melhor as implicações e significado do Velho Testamento do que poderiam os recipientes originais dessa revelação porque tivemos o privilégio de observar o mesmo espécimen (a verdade de Deus) sob maior magnificação.¹⁴² Muitos profetas desejaram ver aquelas coisas que temos visto, mas não viram-nas.¹⁴³

Tentei contrastar as diferenças básicas entre os entendimentos reformado e dispensacionalista das profecias veterotestamentárias. Essas duas escolas discordam sobre a interpretação profética, e as implicações dessa discordância são grandes. Se os princípios reformados estiverem corretos, então a era da igreja é um cumprimento contínuo de muitas profecias veterotestamentárias sobre a era messiânica e as profecias veterotestamentárias aplicam-se diretamente ao cristão. Se os princípios dispensacionalistas estiverem corretos, então a era da igreja torna-se um parêntese não revelado no programa messiânico profetizado e as profecias veterotestamentárias aplicam-se diretamente somente à tribulação, ao milênio, e à eternidade. Quais princípios de interpretação profética estão corretos é uma questão importante com repercussões teológicas e exegéticas significantes.

Manejando Corretamente a Palavra

Eu posso distintamente lembrar o tempo durante meus dias de faculdade quando um cristão, que Deus usou em minha vida, deu-me uma curta introdução ao dispensacionalismo. Ele citou 2 Timóteo 2:15 da Versão Rei Tiago [King James Version] e salientou a importância de “corretamente dividindo a palavra da verdade”. Ele, em seguida, me apresentou as sete dispensações da Bíblia de Estudo Scofield [Scofield Reference Bible]. Eu, agora, duvido que 2 Timóteo está diretamente fazendo referência a divisão da história bíblica em diferentes economias. A Versão Padrão Americana [American Standard Version] traduz esse versículo assim: “maneja corretamente a palavra da verdade”, que eu creio que melhor comunica a intenção do versículo. No entanto, independentemente de como interpreta-se esse versículo, os cristãos têm reconhecido desde os tempos mais primitivos que Deus tem operado por meio de economias diferentes em eras diferentes. Dividir a história bíblica em períodos dispensacionais diferentes não é distintivo do dispensacionalismo. Dizer que todos os cristãos que não oferecem hoje sacrifícios de animais e que não abstêm-se hoje de carne de porco são pelo menos dispensacionalistas incipientes, é extremamente simplista. O número específico e escolha de pontos de divisão históricos apresentados por Scofield também não definem o dispensacionalismo. As distinções verdadeiras encontram-se em um nível mais sutil.

Creio que pode-se começar a discernir algumas das distinções reais do dispensacionalismo ao examinar a definição de Scofield de uma dispensação: “Uma dispensação é um período de tempo durante o qual o homem é testado quanto à sua obediência a alguma revelação específica da vontade de Deus”.¹⁴⁴ É certamente verdade que em todas as economias divinas, Deus deu mais revelação de Si mesmo e de Sua vontade, e o homem era responsável por responder àquela revelação em obediência. Também é verdade que o homem, à parte da graça salvífica de Deus, sempre falhará o teste de obediência por causa da natureza depravada do homem. No entanto, embora há verdade na definição e esquema de Scofield, há também omissão e erro. Talvez, a omissão seja o mais

significante: não há menção da revelação progressiva de e preparação para o Redentor de Descendência Messiânica em cada dispensação. Para o teólogo reformado, Cristo e Sua obra salvífica é o elemento mais significativo em cada dispensação e é o tema que unifica o desenvolvimento progressivo e orgânico do drama bíblico. No entanto, o Dr. Charles C. Ryrie diz:

“O teólogo aliancista em seu zelo de fazer Cristo tudo em tudo é culpado de sobreposição arbitrariamente no Velho Testamento. Ele faz o mesmo com a doutrina da igreja e com o conceito de salvação através da fé em Cristo”.¹⁴⁵

Mencionei, também, um erro na definição de Scofield. Creio que há pelo menos um implicitamente. Os teólogos dispensacionalistas e reformados tendem a discordar quanto à relação que a revelação dada às dispensações passadas tem com a dispensação presente. Os dispensacionalistas tendem a ensinar que tal revelação passada não é vinculante hoje, exceto na medida em que é reafirmada na revelação dada especificamente para esta dispensação presente. Em contraste, a teologia reformada ensina que a revelação passada continua sendo vinculante hoje, exceto na medida em que era limitado pelo tempo ou situação específica em sua aplicação original ou na medida em que esta tem sido modificado por revelações bíblicas mais recentes. Como Cristo, o teólogo reformado enfatiza a relevância contínua das revelações anteriores de Deus,¹⁴⁶ enquanto o dispensacionalista enfatiza a natureza não vinculante da revelação passada que não é especificamente reafirmada para hoje. Esta diferença na ênfase parece ser implícita na afirmação de Scofield de que cada dispensação está relacionada a “alguma revelação específica”, como se cada dispensação fosse limitada à revelação especificamente direcionada àquela dispensação.

A fim de realmente apreciar os distintivos do “manejando corretamente a palavra” do dispensacionalismo, precisa-se pensar sobre a explicação dispensacionalista da história bíblica. Um bom lugar para começar é o ensinamento dispensacionalista sobre a aliança abraâmica e a dispensação da promessa. Aqui Deus providenciou uma salvação administrada numa base por fé e administrada sem condições morais. Tudo correu bem para o povo de Deus até o monte Sinai quando, de acordo com o Dr. Lewis Sperry Chafer, um erro apressado e trágico ocorreu. Lá o povo de Deus abandonou precipitadamente sua posição de aliança por fé incondicional

e, ao invés, aceitou tragicamente a aliança mosaica condicional e legalista, que eles deveriam ter recusado a aceitar.¹⁴⁷ Pela fé, a salvação baseada em uma justiça imputada foi abandonada no monte Sinai e não foi resumida até após o monte do Calvário, de acordo com o Dr. Chafer. Se considerar-se o período a partir da aliança abraâmica até ao arrebatamento, do fim dos tempos, da igreja, a aliança mosaica era um parêntese legalista em uma administração por fé da graça que começou na dispensação da promessa e resumiu na dispensação da graça. Se considerar-se o período a partir da aliança mosaica até ao fim do milênio, então a era da igreja é um parêntese de graça em uma administração meritória de lei. É justo mencionar que muitos dispensacionalistas recentes têm, em várias medidas, modificado esta dicotomia excessivamente rígida entre lei e graça em suas explicações da história redentora e têm começado a derivar em direção aos ensinamentos sobre a lei e graça mais tradicionalmente mantidos pelos teólogos reformados.

O próximo grande desenvolvimento do ponto de vista dispensacionalista da bíblia são os Evangelhos e os primeiros capítulos de Atos. De acordo com o dispensacionalismo, Cristo estava oferecendo à nação judaica um reino político judaístico. Já que os judeus rejeitaram a oferta de Cristo, Cristo adiou o reino judaico e, ao invés, inaugurou a parentética e previamente desconhecida era da igreja. Por causa dessa análise do ministério de Cristo, os dispensacionalistas veem os Evangelhos como uma combinação complexa de verdades relacionando-se diretamente a três dispensações diferentes: lei, graça e reino. Por exemplo, o sermão do monte é uma verdade do reino legal e judaico que não é diretamente destinada para a era da igreja. Scofield rotulou a petição de oração do Senhor “perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”¹⁴⁸ como “fundamento relativo a lei”.¹⁴⁹ As parábolas de Mateus 13, que obviamente referem-se à era da igreja, são interpretadas como uma explicação inicial de alguns dos mistérios inesperados da era vindoura devido ao adiamento do milênio judaico e a introdução não revelada da era da igreja. Mateus 16:18 é onde Cristo primeiramente revelou abertamente a era da igreja parentética vindoura, e Mateus 18:17 é onde Cristo deu verdades pertencentes à igreja relativas à disciplina. O discurso do monte das Oliveiras¹⁵⁰ é, de novo, uma verdade judaica que é interpretada como uma profecia detalhada do período tribulacional judaico de sete anos após o arrebatamento da igreja. O discurso do cenáculo¹⁵¹ que ocorreu alguns dias depois é verdade pertencente à igreja.

Os apóstolos em Atos 1:6, de novo, representam o remanescente judaico, mas em Atos 2 eles, de novo, representam a igreja e estão envolvidos com a verdade pertencente à igreja enquanto pregam em Pentecostes. Em Atos 3:12-26, os apóstolos re-oferecem o reino judaístico à nação judaica pela última vez até o ainda futuro período tribulacional. Se os judeus tivessem aceitado esta re-oferta, o arrebatamento teria ocorrido naquela época, e o reino judaico teria vindo após uma era muito breve da igreja.

Os dispensacionalistas veem o restante do livro de Atos como verdade pertencente à igreja. O único problema com isso é as frequentes referências ao reino ambos em Atos e nas epístolas escritas durante aquele período. Os dispensacionalistas explicam que o reino que se refere lá não é o reino messiânico teocrático, mas, ao invés, ou é o reino soberano não teocrático de providencia de Deus ou é “o reino em forma de mistério” de Mateus 13, que os dispensacionalistas interpretam como um nome aplicável à era de não-reino da igreja. Esta explicação não satisfaz os ultradispensacionalistas que veem Atos e as epístolas daquele período como verdade pertencente aos judeus e não como verdade para o posterior corpo paulino gentílico e a igreja do corpo de Cristo.

Nas epístolas, até mesmo os dispensacionalistas “ortodoxos” encontram alguns vestígios espalhados de verdade judaica. Por exemplo, 2 Tessalonicenses 1:5-10 fala da volta em chamas de fogo de Cristo em julgamento contra os perseguidores do povo de Deus. No pensamento dispensacionalista, não há julgamento em chamas de fogo associado com a volta de Cristo para a igreja, que é o arrebatamento secreto. O julgamento em chamas de fogo é associado somente com o segundo advento judaico. Então os destinatários de 2 Tessalonicenses 1 estavam, lá, sendo ensinados verdade pertencente aos judeus apesar de Paulo ter usado sua mensagem como um encorajamento para os cristãos da era da igreja. Os Cristãos em Tessalônica devem ter atuado lá como representantes de santos da tribulação judaica.

Observe também Tito 2:13. Lá, Paulo juntou a volta de Cristo para a igreja (a bendita esperança) com a volta de Cristo para os judeus (o aparecimento glorioso) em uma declaração como se fossem um único evento! Para ser um bom dispensacionalista, a pessoa deve ler as Escrituras com suas dicotomias pressupostas sempre em mente para que ela possa detectar tais distinções. Dividir as Escrituras categoricamente e relegar a mensagem à era e povo corretos são fundamentais para uma boa interpretação dispensacionalista.

Finalmente, há o livro de Apocalipse onde os primeiros capítulos (1-3) são verdades pertencentes à igreja e o restante do livro são verdades, pertencentes aos judeus, relativa à tribulação e milênio judaicos até a menção da noiva de Cristo, que é a igreja, no final.

Dividir a história bíblica em uma progressão de dispensações não é exclusivo dos dispensacionalistas. Todos os teólogos fazem isso. O que é característico do dispensacionalista consistente é que ele sofre de um caso agudo de “endurecimento das categorias”. Tendo, na prática, rejeitado a união tipológica e orgânica dos dois testamentos que são encontrados em Cristo e Sua obra salvífica, o dispensacionalista consistente tem, ao invés, adotado uma interpretação de dois programas e dois povos da história bíblica em que a era da igreja é um parêntese logicamente desnecessário no programa divino e, a partir da perspectiva dos profetas veterotestamentários, uma divina reflexão tardia e ajustamento. Minha própria opinião, para usar um trocadilho, é que interpretar as Escrituras através da grade rígida de pressupostos dispensacionalistas tem o potencial para transformar o pão bíblico em trigo retalhado teológico. Felizmente, muitos dispensacionalistas hoje são dispensacionalistas suaves que não são todos rígidos assim quando trata-se da interpretação e teologia dispensacionalista e que têm tido pouca exposição real às obras clássicas e definitivas dispensacionalistas de homens como Darby, Chafer e Scofield onde essas dicotomias dispensacionalistas são mais consistentemente e rigidamente usadas.

Sionismo Cristão

O dispensacionalismo como um sistema tende a promover, entre o sionismo cristão, a convicção de que os judeus físicos hoje têm o direito bíblico de possuir a terra da Palestina. O ponto de discussão neste capítulo não é o sionismo como uma questão política, mas sionismo como uma questão teológica baseada biblicamente. O típico dispensacionalista comprometido tende, sim, a ter um compromisso fervoroso com o sionismo teológico. Lembro-me que quando eu era um dispensacionalista, minha tendência era de estar, de certa forma, intimidado pelo evento sionista épico de 1948: o estabelecimento moderno do estado judaico de Israel. Eu via esse evento como uma das realizações proféticas mais dramáticas e como um dos sinais mais claros da breve volta de Cristo. O dispensacionalista realmente consistente não considera 1948 como um cumprimento direto de profecia, já que nenhuma profecia judaica pode diretamente referir-se à era parentética da igreja na teologia dispensacionalista. Ao invés, 1948 é considerado como uma preparação dramática para o cumprimento judaico de profecia que começará a ocorrer após o arrebatamento da igreja. Para o dispensacionalista, o fato de que o cenário do fim dos tempos está supostamente sendo estabelecido nesta geração é uma indicação muito forte de que o drama do fim dos tempos é muito iminente hoje. Duvido que muitos escritores dispensacionalistas têm ido tão longe quanto Hal Lindsey que sugeriu que o fim poderia vir dentro de 40 anos (i.e., uma geração) a partir de 1948 com base na parábola da figueira de Mateus 24:32-34.¹⁵²

O sionismo dispensacionalista é em grande medida fundada na interpretação dispensacionalista da aliança de Abraão. Um elemento crucial nesta interpretação é a determinação de quem é a “descendência de Abraão”. Usando-se a hermenêutica “literal” deles, esses dispensacionalistas interpretam esse termo, usado na aliança abraâmica, como referindo-se aos judeus físicos. Uma dificuldade com esta interpretação é que em Gálatas 3, versículos 7 e 29, o cristão, independentemente de sua raça, é dito ser a descendência de Abraão e o herdeiro das promessas feitas a Abraão. Outra dificuldade é que essas

promessas feitas a Abraão são a promessa da terra. Em Gálatas 3:16, Paulo diz: “Ora, a Abraão e à sua descendência foram feitas as promessas”, e em seguida cita a frase “e à tua descendência” do livro de Gênesis. Todas as vezes, no livro de Gênesis, que a frase “à tua descendência” é usada no contexto de uma promessa divina de dar algo a alguém, a referência é à promessa da terra.¹⁵³ A partir disso pareceria que a verdadeira descendência de Abraão, que hão de herdar a terra, são aqueles que têm a fé de Abraão. Esse era o caso, em princípio, até mesmo na economia veterotestamentária onde, de acordo com as ordens administrativas de Deus, judeus físicos que demonstravam abertamente grande desprezo às alianças e leis deveriam ser excomungados de Israel, e gentios crentes deveriam ser enxertados como prosélitos. Até mesmo em Gênesis 17, outros além da descendência física de Abraão foram incluídos na aliança, e, em Gênesis 21, uma descendência física foi excluída da comunidade de aliança por razões morais.¹⁵⁴

O dispensacionalista, entretanto, argumenta que o crente cristão, como um descendente de Abraão, está relacionado a somente uma declaração na aliança abraâmica, a declaração de que em Abraão todas as nações seriam abençoadas.¹⁵⁵ Há dois problemas com esse argumento. Primeiro, como já temos mostrado, Paulo em Gálatas 3:16 e 29 relaciona a linguagem da promessa da terra ao cristão. Então o dispensacionalista não tem nenhuma base para limitar a aplicação cristã da aliança abraâmica à declaração universal de que todas as nações serão abençoadas em Abraão. Segundo, a teoria dispensacionalista do parêntese, se mantida com consistência rigorosa, não permitiria uma aplicação, até mesmo do elemento universal, na aliança abraâmica aos cristãos da era da igreja. A teoria do parêntese pareceria exigir uma aplicação direta do elemento universal na aliança abraâmica judaica às nações gentílicas milenares e relaciona isso à era da igreja somente indiretamente. Esta é a forma como muitos dispensacionalistas lidam com outras passagens veterotestamentárias que obviamente referem-se à era da igreja, passagens como a profecia, de Jeremias, da nova aliança e a profecia de Joel do derramamento do Espírito. Há muitas profecias que expandem a declaração universal da aliança abraâmica.¹⁵⁶ Sob o título “O Gentios no Milênio”, o Dr. J. Dwight Pentecost afirma: “Os aspectos universais da aliança abraâmica, que prometeu bênção universal, serão realizados naquela era”.¹⁵⁷

O dispensacionalista também argumenta que a aliança abraâmica é incondicional no sentido que ela deverá ser cumprida independentemente da condição moral do povo judaico. Na interpretação dispensacionalista das alianças, a aliança abraâmica “incondicional” é fortemente contrastada com a aliança mosaica “condicional”. Os interpretadores reformados, em contrapartida, consideram a aliança mosaica como uma expansão nacional da aliança abraâmica. Não faremos uma refutação detalhada da doutrina dispensacionalista das alianças incondicionais e condicionais¹⁵⁸ a não ser para salientar que esse ensinamento reflete uma compreensão superficial dos relacionamentos bíblicos entre lei e graça e entre responsabilidade humana e soberania divina. Os dispensacionalistas ensinam que a aliança abraâmica incondicional foi expandida em três outras alianças judaicas incondicionais: a aliança palestina, a aliança davídica e a nova aliança. A aliança expandida, que lida com a porção da promessa da terra da aliança abraâmica, é a aliança palestina, que os dispensacionalistas identificam com Deuteronômio 30:1-10. Parece, sim, estranho que alguém ensinaria que uma seção de Deuteronômio contém uma aliança separada que não faz parte da aliança mosaica e que difere da aliança mosaica em sua natureza básica. A aliança palestina deveria ser incondicional no sentido dispensacionalista da palavra. Deuteronômio, capítulo 30, versículos 1-3 e 10, entretanto, contém afirmações que parece ser condições morais. Eu suspeito que o que aconteceu foi que a interpretação dispensacionalista da promessa da terra da aliança abraâmica necessitou esta interpretação artificial de Deuteronômio 30.

Os dispensacionalistas argumentam que a aliança abraâmica é judaica, incondicional e não realizada. Eles provam que a aliança não foi realizada ao examinarem os limites cronológico e geográfico da promessa da aliança. A aliança abraâmica é uma promessa eterna,¹⁵⁹ e os judeus possuíram a Palestina por somente um tempo limitado no Velho Testamento. Com relação às fronteiras geográficas da aliança, a terra prometida incluía a terra desde o rio do Egito até ao grande rio Eufrates.¹⁶⁰ Os dispensacionalistas argumentam que os judeus nunca, em nenhum momento, possuíram toda a terra dentro dessas fronteiras. Em 1 Reis 4:21, aprendemos que Salomão governou sobre toda a terra desde a fronteira do Egito até ao rio Eufrates, mas os dispensacionalistas argumentam que a “fronteira do Egito” não é o “rio do Egito” e que Salomão meramente governou sobre grande parte desse território ao coletar tributos, não por, de fato, possuí-lo. Então, se os dispensacionalistas estiverem certos, a

promessa da terra da aliança abraâmica é judaica, incondicional e não realizada, e, portanto, haverá uma posse judaica ainda futura da terra da Palestina.

Exatamente quando e como será a promessa da terra da aliança abraâmica cumprida? Ao buscar os detalhes dessa questão, encontra-se algumas divergências interessantes nas respostas dispensacionalistas. Nos primeiros escritores dispensacionalistas tais como Chafer, a aliança abraâmica tinha um cumprimento judaico eterno verdadeiro. Neste sistema, os santos veterotestamentários ressuscitados juntos com os santos milenares ressuscitados deveriam herdar eternamente uma nova terra judaística após o milênio judaístico enquanto os santos da igreja deveriam herdar novos céus que pertenceriam aos cristãos por toda eternidade. Neste antigo sistema dispensacionalista, havia uma dicotomia eterna de destinos entre Israel, a descendência terrena de Abraão, e a igreja, a descendência celestial de Abraão.

Os dispensacionalistas mais recentes, tais como Walvoord, Pentecost e Ryrie, discordam com esses detalhes da posição de Chafer. Eles ensinam que a natureza judaica eterna da promessa da terra deverá ser completamente realizada no período milenar judaístico de 1000 anos. Afinal, se a promessa da terra encontra seu cumprimento final na eternidade na nova terra, então não há nenhum mandato real para um milênio judaico na aliança abraâmica. Eles também ensinam que a terra prometida deverá ser habitada durante o milênio somente pelos judeus e gentios que estiverem vivos e não ressuscitados, e não, como no sistema de Chafer, também pelos santos veterotestamentários ressuscitados. Durante o milênio, os santos veterotestamentários ressuscitados juntamente com os santos ressuscitados da igreja estarão na nova Jerusalém, que será uma cidade satélite milenar flutuando sobre a Palestina. No final do milênio, a nova Jerusalém descerá à terra, e os santos de todas as eras habitarão juntos na nova terra. Os santos veterotestamentários nunca serão membros do Corpo e Noiva de Cristo, mas eles irão pelo menos compartilhar um destino eterno comum com a igreja. Neste sistema, a herança judaica estrita da promessa da terra está limitada aos anos milenares e aos santos milenares não ressuscitados. A promessa da terra especificamente prometeu, para sempre, a herança de terra à Abraão bem como à sua descendência, mas Abraão juntamente com os outros santos veterotestamentários estarão na cidade celestial durante o tempo da herança da terra. Pergunto-me se a especulação

dispensacionalista sobre a possível viagem entre a cidade satélite e o planeta Terra durante o milênio não resultou de sua luta com esta ligação fraca, em particular, em seu sistema.

Aqui temos o entendimento dispensacionalista da terra da promessa da aliança abraâmica. A Escritura foi verdadeiramente permitida a interpretar a Escritura? Houve alguma sensibilidade à revelação progressiva? Há alguma evidência de que os interpretadores dispensacionalistas reconhecem a sua falibilidade e têm uma disposição para ajustar, se necessário, a sua compreensão da aliança abraâmica se esta não harmonizar-se bem com a revelação infalível mais adiante sobre o tema? Ou vemos evidência de uma vontade de artificialmente torcer mais revelação para vindicar uma compreensão particular da promessa da terra da aliança abraâmica?

Minha própria compreensão da promessa da terra da aliança abraâmica é diferente da compreensão dos dispensacionalistas. Creio que a habitação judaica da Palestina no Velho Testamento era um símbolo tipológico temporário e penhor da herança eterna final dos santos. Creio, também, que a promessa da terra aplica-se ao cristão hoje no descanso espiritual e posição celestial que é seu em Cristo Jesus. Segue-se uma explicação de oito pontos do meu entendimento do cumprimento da promessa da terra.

Primeiro, há passagens veterotestamentárias que indicam que a promessa da terra tinha um cumprimento real no Velho Testamento.¹⁶¹ Esta informação deve ser incorporada dentro da compreensão total da promessa da terra. Eu sugeriria que a promessa da terra encontrou um cumprimento como um tipo no Velho Testamento e também antecipou um cumprimento futuro em termos de seu antítipo.

Segundo, o cumprimento final da promessa da terra é um cumprimento eterno.¹⁶² A palavra hebraica traduzida por “sempre” é, por vezes, limitada contextualmente e nem sempre refere-se a uma eternidade literal,¹⁶³ mas as alianças de Deus têm, sim, uma referência eterna e para sempre. Quando a natureza eterna das alianças de Deus é comparada à vida útil do sol, pode-se ter certeza de que o escritor inspirado divinamente tinha mais em mente do que um mero mil anos.¹⁶⁴

Terceiro, o cumprimento final da promessa da terra envolve o mundo todo e não apenas a Palestina. Observe o que Paulo disse em Romanos 4:13:

“Porque a promessa, de que ele havia de ser herdeiro do mundo [Grego: kosmos] não foi feita pela lei a Abraão, ou à sua descendência, mas pela justiça da fé”. Já mostramos que a terminologia sobre uma promessa dada por Deus a Abraão e à sua descendência somente pode referir-se à promessa da terra. Paulo identificou a promessa da terra dada a Abraão e à sua descendência não meramente com Canaã, mas com todo o mundo.

Quarto, os herdeiros finais da promessa da terra serão os eleitos de todas as eras. Como já vimos, há passagens neotestamentárias que relacionam a linguagem da promessa da terra aos cristãos como sendo descendência espiritual de Abraão.¹⁶⁵ No sermão do Monte, Cristo identificou os herdeiros da promessa da terra como sendo os espiritualmente mansos,¹⁶⁶ que é uma descrição apropriada do povo de Deus em geral. No livro de Hebreus, a promessa da terra é associada com a cidadania na Jerusalém celestial.¹⁶⁷ Os santos de todas as eras são cidadãos da Jerusalém celestial,¹⁶⁸ que é mais uma evidência de que os santos de todas as eras herdarão a promessa da terra.

Quinto, esta associação da promessa da terra com a cidadania na Jerusalém celestial significa que, durante a era do inter-advento, a promessa da terra encontra cumprimento na “herança incorruptível, sem mácula, e imarcescível, guardada nos céus para vós”.¹⁶⁹ Desde o momento da conversão, o cristão é alguém que tem chegado ao monte Sião e um cidadão da Jerusalém celestial,¹⁷⁰ tem o descanso espiritual em Cristo Jesus,¹⁷¹ e está assentado com Cristo nos lugares celestiais.¹⁷² Nós, hoje, em Cristo Jesus temos um pequeno antegosto do descanso celestial que foi imaginado pela conquista de Josué da terra prometida.¹⁷³

Sexto, a promessa da terra é, hoje, relacionada à bênção da aliança do quinto mandamento. Sob a velha aliança, os que horaram seu pai e sua mãe foram prometidos, em geral, que tudo iria bem com eles na terra que Deus lhes deu.¹⁷⁴ Agora que o povo da aliança é de todas as nações, tribos e línguas, esta promessa de bênção da aliança tem sido dispensacionalmente ajustada por Paulo para ler-se assim: “para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra”.¹⁷⁵ Paulo tem removido a limitação geográfica específica palestina nesta promessa de aliança que relacionou a bênção da aliança em termos da promessa da terra.

Sétimo, o cristão hoje está numa posição análoga a Israel sob Josué quando conquistaram a terra prometida. A diferença é que nossas armas não são físicas¹⁷⁶ e nossa tarefa é conquistar todo o mundo. Sabemos que a promessa abraâmica da terra, em última análise, refere-se a todo o

mundo.¹⁷⁷ Adão, originalmente, recebeu domínio sobre o mundo inteiro.¹⁷⁸ Esta herança foi perdida na queda e Satanás tornou-se o príncipe deste mundo,¹⁷⁹ mas Deus prometeu que o Redentor da Descendência iria, finalmente, derrotar Satanás¹⁸⁰ e que esse novo Adão recuperaria o domínio mundial.¹⁸¹ Esse Redentor da Descendência seria a Descendência de Abraão através de quem Abraão seria uma bênção para todas as nações.¹⁸² Esse Redentor da Descendência seria um filho de Davi que teria as nações por Sua herança e as extremidades da terra por Sua possessão.¹⁸³ Esse Redentor da Descendência seria o Filho do Homem que receberia domínio e glória e um reino para que todos os povos, nações e línguas servissem-no.¹⁸⁴ Através de Sua ressurreição-ascensão, Cristo tem recebido toda a autoridade no céu e na terra.¹⁸⁵ Cristo, desde Seu trono celestial, está hoje cumprindo o Salmo 2¹⁸⁶ e o Salmo 8¹⁸⁷. A fronteira do norte da promessa da terra dada a Abraão foi o rio Eufrates,¹⁸⁸ mas o domínio do messias é estendido “desde o rio até às extremidades da terra”.¹⁸⁹ Assim como Deus deu a Palestina a Israel sob Josué e disse-lhes para conquistá-la, assim Deus tem dado as nações ao Israel da nova aliança sob Jesus e nos disse para discipliná-los.

E oitavo, quando Cristo voltar, a Jerusalém celestial descerá à nova terra,¹⁹⁰ que então torna-se o locus eterno do cumprimento da promessa da terra. Em Hebreus 4:8-9, aprendemos que o restante sob Josué, após a conquista da terra prometida, era um tipo do descanso sabático celestial da herança eterna. O cumprimento final da promessa da terra será a herança eterna da nova terra pelos santos de todas as eras. Somente neste contexto eterno pode Abraão e toda a sua verdadeira descendência herdar a terra para sempre.

Antes de encerrar este capítulo sobre a promessa abraâmica da terra, quero comentar sobre as profecias veterotestamentárias quanto à volta dos judeus dispersos à terra. Os dispensacionalistas tendem a relacionar essas profecias a um retorno, no fim dos tempos, dos judeus à Palestina. Parece muito mais lógico que essas profecias principalmente referiram-se ao exílio babilônico e ao retorno dos cativos judaicos sob Zorobabel, Esdras e Neemias. Em oposição a isso, o dispensacionalista pode apontar que esses retornos profetizados foram um segundo retorno à terra e um retorno de uma dispersão mundial,¹⁹¹ não de um exílio babilônico localizado. Esta objeção ignora o fato bíblico de que os judeus exilados estavam dispersos por todo o mundo civilizado daquela época.¹⁹² E um retorno do exílio

babilônico foi o segundo retorno à terra já que o primeiro foi o êxodo sob Moisés.

É certo que há elementos nas profecias de restauração que vão além do que foi experimentado sob a velha aliança. Isso é porque o cumprimento de profecias de bênçãos pode ser limitadas¹⁹³ ou adiadas¹⁹⁴ ou canceladas¹⁹⁵ devido à desobediência da aliança e porque essas profecias têm cumprimentos continuamente e progressivamente maiores na era da igreja e na eternidade. Uma profecia pode ser dada em termos da economia da velha aliança e cumprida em termos da economia da nova aliança e eternidade. As profecias de restauração referem-se progressivamente ao ajuntamento de um remanescente veterotestamentário desde o exílio babilônico a uma Jerusalém reestabelecida, ao ajuntamento messiânico de judeus de todas as nações para dentro da Jerusalém Celestial em Pentecostes, ao ajuntamento da grande comissão dos gentios para dentro do Israel de Deus,¹⁹⁶ e, por fim, ao ajuntamento final dos eleitos à sua herança eterna na Canaã final, a nova terra de Apocalipse 21.¹⁹⁷ A natureza do ajuntamento progride à medida que o reino progride de uma das sombras tipológicas localizadas a um dos antítipos espirituais universais para até uma das realidades eternas.

Venha o Teu Reino

O Livro de Ordem da Igreja da Igreja Presbiteriana na América começa com a declaração, “Jesus Cristo...está sentado no trono de Davi”. A maioria das pessoas que cresceram com os ensinamentos da fé reformada tomariam esta verdade fundamental por certo. Quem, afinal, questionaria esse ensinamento essencial? Bem, um dispensacionalista bem informado não só questionaria isso, mas discordaria fortemente disso. O trono davídico é outro assunto bíblico que os dispensacionalistas e a teologia reformada têm ensinamentos radicalmente diferentes.

O reino davídico nas Escrituras está fundada na aliança davídica de 2 Samuel 7:12-16. Esta promessa de aliança obviamente envolveu Salomão, o descendente imediato de Davi e herdeiro ao trono, já que falou-se da construção, por parte do descendente, do templo de Deus e da possibilidade do descendente pecar. A promessa, entretanto, também envolveu um cumprimento antítipo maior já que falou-se de um reino eterno. Os profetas posteriormente associaram o reino davídico eterno com o messias, que deveria herdar o trono de Davi e reinar eternamente sobre o reino em retidão e justiça. Esse reino messiânico tornar-se-ia um reino universal sobre todos os reinos do mundo.

A interpretação reformada associa o estabelecimento messiânico do reino davídico com o primeiro advento de Cristo e especialmente com Sua ascensão ao céu. Ambos João o Batista e Jesus proclamaram durante os seus ministérios terrestres que o reino estava, naquela época, na verdade, próximo, não meramente potencialmente próximo. Jesus disse aos seus discípulos para buscarem o reino porque “Não temais, ó pequeno rebanho; porque é o bom prazer do vosso Pai dar-vos o reino”.¹⁹⁸ Jesus deu as instruções específicas sobre como entrar no reino¹⁹⁹ e afirmou que “todo homem emprega força para entrar nele”.²⁰⁰ A presença do reino estava especialmente manifesta na expulsão de demônios.²⁰¹ Jesus explicou a natureza do reino em parábolas,²⁰² e, referindo-se a Sua própria presença, disse aos fariseus que o reino estava no meio deles.²⁰³

Jesus especialmente trouxe o reino messiânico através de Sua ressurreição e ascensão ao Seu trono à mão direita de Deus. Foi neste momento que Jesus recebeu Sua autoridade real plena como messias.²⁰⁴ Pedro relacionou a ressurreição de Cristo à promessa da aliança davídica relativa a um trono e afirmou que, em Sua ascensão, Jesus foi feito o Cristo.²⁰⁵ Os títulos Cristo e Messias ambos significam o ungido, que é o título veterotestamentário referente ao rei escolhido, por Deus, sobre Israel.²⁰⁶ Em Sua ascensão, Jesus foi dito ter cumprido os salmos messiânicos que referem-se ao reinado messiânico.²⁰⁷

O fato de que o reino messiânico foi inicialmente estabelecido no primeiro advento é verificado mais ainda no livro de Atos. Por exemplo, em Samaria, “Filipe pregou as coisas concernentes ao reino de Deus”.²⁰⁸ Paulo e Barnabé encorajou as igrejas recém-formadas com a mensagem: “através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus”.²⁰⁹ Os judeus descrentes em Tessalônica acusaram que Paulo e Silas estava comportando-se “contra os decretos de César, dizendo que há outro rei, Jesus”.²¹⁰ No decorrer de seu aprisionamento romano, Paulo “pregou o reino de Deus”.²¹¹

Com toda esta evidência neotestamentária de que Cristo estabeleceu o reinado messiânico em Seu primeiro advento, por que os dispensacionalistas insistem que o reinado messiânico ainda não começou? A razão básica é o literalismo dispensacionalista. Os dispensacionalistas argumentam que o trono davídico deve ser um trono terrestre localizado no monte Sião literal na Palestina literal. Eles argumentam que Cristo adiou Seu reinado no trono literal de Davi até após a era parentética e previamente não revelada da igreja e que o reinado atual de Cristo desde o trono à mão direita do Pai não é o reinado que os profetas veterotestamentários estavam profetizando.

Depois de vermos isso tudo sobre o trono literal, é interessante estudar a definição do trono davídico dada pelo estudioso dispensacionalista Dr. John F. Walvoord:

“Pelo termo ‘trono’ é claro que nenhuma referência é feita a um trono material, mas sim à dignidade e poder que era soberano e supremo no Davi como rei. O direito de reinar sempre pertenceu à descendência de Davi”.²¹² Esta definição é qualquer coisa, menos literal. Para entender o significado dessa definição, precisa-se manter em mente a teoria dispensacionalista que a aliança davídica era incondicional no sentido de

ser desprovida de toda responsabilidade humana. Se a aliança davídica era incondicional neste sentido e se a aliança davídica eternamente estabeleceu o trono davídico, então como os dispensacionalistas lidam com o exílio babilônico? O trono não tinha sido lançado por terra por Deus naquele tempo?²¹³ Agora podemos ver a razão da definição, do Dr. Walvoord, do trono. Se o trono somente refere-se ao “direito de reinar”, então a descendência de Davi reteve o trono até mesmo enquanto estava no exílio babilônico.²¹⁴ Isso nos traz a uma questão interessante: Cristo agora não possui “a dignidade e poder que era soberano e supremo no Davi como rei”? Se alguém aceitar a definição, do Dr. Walvoord, do trono davídico, então como pode alguém possivelmente também acreditar que Cristo não possui-o agora? Parece que quando os dispensacionalistas querem argumentar que Cristo não está agora no trono de Davi, eles salientam uma definição muito literal, mas quando eles desejam argumentar que o trono davídico não foi perdido durante o exílio babilônico, eles salientam uma definição muito figurativa do trono.

Em argumentar que Cristo não possui agora o trono de Davi, os dispensacionalistas têm tradicionalmente insistido que o verdadeiro trono de Davi deve ser um trono terrestre. Eles têm insistido que um trono celestial²¹⁵ e um monte Sião celestial²¹⁶ não são suficientes para o cumprimento da profecia. Mais alguns dispensacionalistas recentes, entretanto, agora ensinam que Cristo estará reinando durante o milênio não a partir de um trono terrestre, mas desde a Jerusalém celestial. Eu cito: “É da cidade celestial que o Filho primogênito de Davi exerce Seu reinado messiânico, ...”.²¹⁷ Isso é realmente uma notável reviravolta.

Os dispensacionalistas também argumentam que o trono messiânico de Davi deve ser um reinado político e territorial. Eles argumentam que isso era a compreensão judaica popular do assunto na época do ministério terrestre de Jesus e que o Novo Testamento, em nenhum lugar, redefine o conceito. Eu discordo com esta última afirmação. Creio que as citações concernentes ao reino que já temos examinado são evidências mais do que adequadas de que Jesus não aceitou esse ponto de vista político do reino.²¹⁸ Admitidamente, os discípulos foram infectados com esse ponto de vista judaico em vários níveis até eles receberem o derramamento iluminante do Espírito em Pentecostes.

Quando chegamos à interpretação dispensacionalista do livro de Atos, descobrimos que de repente a palavra reino não pode referir-se ao reinado messiânico, mas deve referir-se ao reinado geral da providência divina ou

ao “reino em forma de mistério”. A razão para esta mudança na definição é óbvia: o reino davídico não pode ser relacionado à era da igreja na interpretação dispensacionalista. Aqui eu faço ao dispensacionalista a própria pergunta dele: Onde foi a palavra reino redefinida? Por que esta palavra deve referir-se ao reino davídico nos Evangelhos, mas não nos Atos e nas epístolas? Para usar uma crítica que o Dr. Charles C. Ryrie usou contra um amilenista, a razão que o dispensacionalista não ver o reino messiânico quando a palavra é usada no livro de Atos é porque “ele sente, é claro, que ele tem encontrado razões justificáveis para espiritualizar o conceito do reino”.²¹⁹

Na verdade, a palavra reino em ambos hebraico e grego refere-se principalmente à autoridade abstrata para governar, não a um território concreto, que é uma conotação secundária da palavra. Esta compreensão adequada da palavra ajuda explicar muitas passagens. Por exemplo, em Mateus 6:33, Cristo disse: “buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas [comida, abrigo e vestuário] vos serão acrescentadas”. O que deve um Cristão buscar para obedecer esse mandamento? Um reino teocrático em uma era judaica futura? Ou o reinado e autoridade de Deus em toda a vida? Também, observe a segunda petição na oração do Senhor: “Venha o teu reino”.²²⁰ Com esta compreensão adequada da palavra reino, esta segunda petição é quase sinônima com a terceira petição: “seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu”.

Cristo, em Seu primeiro advento, estabeleceu e começou a exercer esta autoridade para dominar e para reinar, que é o significado primário do reino. Não será até o tempo dos novos céus e nova terra que o reino de Cristo será completamente e perfeitamente realizado nos elementos secundários e concretos de um território e seus sujeitos. No presente, Cristo tem Sua autoridade de reino e Ele está obtendo Seu território e Seus sujeitos conforme as nações são disciplinadas.²²¹

Quando alguém aceita o entendimento reformado do reino davídico, é realmente significativo para o cristão de hoje. Relaciona-se ao aqui e agora, não a uma era judaica futura. A posição dispensacionalista do reino negligencia a significância plena do reino atual de Cristo e pode levar a um outro tipo pietista e mundano de cristianismo que seja culturalmente impotente.

Salvação Veterotestamentária

A área de teologia onde os dispensacionalistas têm sido mais severamente criticados no decorrer dos anos e onde os teólogos dispensacionalistas recentes têm feito os maiores ajustes no sistema dispensacionalista é a doutrina da salvação veterotestamentária. Ao estudar detalhadamente o ensinamento desse assunto por parte dos primeiros dispensacionalistas tais como C.I. Scofield e Lewis Sperry Chafer e o ensinamento desse assunto por parte dos atuais dispensacionalistas tais como Charles Caldwell Ryrie e John F. Walwoord, pode-se passar a entender ambas a essência básica do dispensacionalismo e sua evolução recente. Por causa dessa evolução teológica inquestionável, gosto de consultar os primeiros dispensacionalistas como o Dr. Chafer, um dispensacionalista clássico, e os atuais dispensacionalistas como o Dr. Ryrie, um neodispensacionalista.

A fraqueza mais básica no ensinamento dispensacionalista sobre a salvação veterotestamentária está relacionada ao conceito de união com Cristo. Sobre esse assunto, o dispensacionalista Dr. John F. Walwoord tem feito a seguinte declaração reveladora:

“Nesta era presente, ...uma obra peculiar é revelada que não existia no Velho Testamento e aparentemente não será realizada após a era presente. Esta é a obra de Deus, o Espírito Santo, que coloca um crente em Cristo e relaciona-o a todos irmãos crentes na figura de um corpo humano”.²²² Os dispensacionalistas reconhecem que se os santos veterotestamentários estão em Cristo, como Paulo usou aquele termo, então os santos veterotestamentários estão na igreja universal,²²³ e isso destrói a dicotomia dispensacionalista entre Israel e a igreja. Um povo de Deus salvificamente unificado no decorrer das eras é um conceito que é antitético às pressuposições fundacionais do dispensacionalismo.

O ensinamento dispensacionalista sobre a salvação veterotestamentária que tem sido mais criticado é o seu ensinamento sobre a relação da salvação veterotestamentária a graça, fé e obras. Esta é uma área onde o dispensacionalismo tem evoluído nos anos recentes. Será necessário tratar

separadamente o ensinamento dispensacionalista clássico e o ensinamento neodispensacionalista sobre esse assunto.

O ensinamento sobre a salvação veterotestamentária é extensivamente explicada no quarto volume da Teologia Sistemática do Dr. Lewis Sperry Chafer, que é a minha fonte primária para minha compreensão desse assunto. O primeiro elemento na explicação do Dr. Chafer da salvação veterotestamentária é o nascimento físico dentro do Israel veterotestamentário. A salvação veterotestamentária do povo terrestre (Israel) de Deus estava fundada no nascimento físico em contraste com a salvação neotestamentária do povo celestial (a igreja) de Deus, que está fundada no nascimento espiritual, ou seja, regeneração. O Dr. Chafer não viu nenhuma regeneração espiritual na salvação veterotestamentária. Através desse nascimento físico, um judeu veterotestamentário tornava-se um membro da nação de Israel, e, Israel, como uma nação, era herdeira da aliança abraâmica graciosa e incondicional. O judeu individual, entretanto, era um indivíduo sujeito à aliança mosaica meritória e condicional. Como um indivíduo, ele tinha que guardar a lei mosaica no poder da carne sem nenhuma capacitação divina. Ele obtinha perdão de suas transgressões contra a lei mosaica através da oferta de sacrifícios de animais. Ao cumprir essas condições legais e cerimoniais, o judeu do Velho Testamento permaneceu um membro verdadeiro do povo terrestre da aliança de Deus, que, como uma nação, era herdeira das bênçãos da aliança nacional incondicional baseadas na aliança abraâmica.

Básico a esse sistema é o ensinamento de que Israel, como uma nação, estava sob a aliança abraâmica incondicional enquanto que os judeus individuais, dentro da nação, estavam sob a aliança mosaica condicional. A herança nacional do povo terrestre será herdada no milênio dispensacional e na eternidade. Durante o milênio dispensacional, o povo terrestre herdará a terra e o povo celestial residirá no céu. Durante a eternidade, Israel herdará uma nova terra judaística e os cristãos herdarão os novos céus não judaístico. Em 1944, a Assembleia Geral Presbiteriana do Sul considerou a teologia do Dr. Chafer, que era então um ministro ordenado na PCUS [Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos], a estar “em desacordo com o sistema de doutrina estabelecida na Confissão de Fé” porque ele ensinou “planos divergentes de salvação para vários grupos em várias eras”. O Dr. Chafer negou esta acusação em um artigo intitulado “Inventing Heretics Through Misunderstanding [Inventando Hereges Através do Mal-entendido]”. O Dr. Chafer explicou que ele ensinou

somente um plano de salvação para todas as eras porque ele ensinou que a salvação estava sempre fundamentada na graça de Deus, que foi disponibilizada através da morte de Cristo. Em seus escritos, o Dr. Chafer argumentou que o conceito dele da salvação veterotestamentária era um sistema pela-graça de salvação porque 1) estava fundado no nascimento físico dentro do judaísmo, que era pela graça; 2) envolveu perdão de pecados através de sacrifícios de animais, que era pela graça; e 3) “Já que a fidelidade humana em qualquer nível nunca poderia ser a compensação ou troca exatas dos valores da vida eterna ou das bênçãos infindáveis no reino, há uma medida muito grande de graça divina a ser vista na salvação do povo terrestre eleito”.²²⁴ Neste artigo sobre inventar hereges, o Dr. Chafer asseverou que as pessoas que “recebem suas doutrinas do Texto Sagrado ao invés de credos feitos por homens” concordaria com ele que a salvação envolve “diferentes requisitos humanos em várias eras” e que a salvação pode ser pela graça mesmo quando recebida “sob quaisquer condições humanas variadas”.²²⁵ Enquanto argumentando aqui que ele ensinou uma salvação unificada no decorrer das eras e que esta era sempre fundamentada na graça, o Dr. Chafer também parecia estar reconhecendo que ele acreditava em requisitos humanos divergentes para a salvação em várias eras.

Os neodispensacionalistas, aparentemente tendo aprendido com os críticos do Dr. Chafer, têm ajustado o ensinamento dispensacionalista sobre os requisitos humanos na salvação veterotestamentária. Eles agora claramente ensinam que a salvação em todas as eras é através da fé nas promessas de Deus. Em contraste com a teologia reformada, os neodispensacionalistas insistem que a salvação veterotestamentária era através da fé nas promessas veterotestamentárias, mas não através da fé em Cristo em qualquer sentido. Já que eles ensinam que a salvação veterotestamentária não envolve o conceito paulino de união com Cristo, somente parece apropriado para eles, também, excluírem a fé no Cristo vindouro. A posição da teologia reformada é que as promessas veterotestamentárias e instituições tipológicas encontraram seu verdadeiro cumprimento em Cristo, e, portanto, a fé nessas promessas veterotestamentárias envolveu a fé no Cristo vindouro mesmo que os santos veterotestamentários podem ter entendido isso muito obscuramente. Por exemplo, Abraão creu que Deus dar-lhe-ia uma Descendência e um dia abençoaria todas as nações através dele. Abraão, sem dúvida, associou esta promessa com a promessa previamente feita do

Redentor da Descendência de Gênesis 3:15. O Novo Testamento revela que esta Descendência prometida de Abraão era Jesus de Nazaré.²²⁶ Então quando Abraão creu nesta promessa, ele viu o dia de Cristo, embora obscuramente e como por espelho em enigma, e alegrou-se.²²⁷

Há outra diferença significativa entre a posição dos primeiros e atuais dispensacionalistas. Ao contrário dos dispensacionalistas clássicos, os neodispensacionalistas não ensinam uma dicotomia eterna de destinos entre Israel e a igreja. Os neodispensacionalistas ensinam que durante o milênio deles, os judeus viventes estarão na terra enquanto os santos, veterotestamentários, ressuscitados e os santos, da igreja, ressuscitados irão juntos habitar a nova Jerusalém. Alguns dispensacionalistas recentes como o Dr. John F. Walvoord especulam que a nova Jerusalém, durante o milênio, será uma cidade satélite flutuando sobre a Palestina. Na eternidade, os santos de todas as eras irão juntos habitar a nova terra, embora a distinção entre Israel e a igreja permanecerá. Os santos do Velho Testamento e do milênio não serão membros do Corpo e Noiva de Cristo.

Permita-me encerrar este capítulo discorrendo a questão das alianças condicionais e incondicionais. É um pouco difícil de analisar esta dicotomia dispensacionalista uma vez que esta é difícil de entender. Até mesmo eles têm problemas com a ideia de uma aliança com absolutamente nenhuma estipulação moral. Um escritor dispensacionalista afirma que o que é prometido em uma aliança incondicional é dado à parte da resposta do receptor (nenhum “se” é usado em nenhum momento), mas que as bênçãos de uma aliança incondicional podem ser condicionadas à resposta do receptor sem isso mudar o caráter incondicional da aliança!²²⁸ Também é difícil de imaginar como uma aliança divina poderia ter sido rigidamente condicional sem que a salvação fosse legalística e meritória sob a administração dessa aliança.

Ao invés de ver uma forte dicotomia entre a aliança abraâmica, que é incondicional, graciosa e nacional, e a aliança mosaica, que é condicional, meritória e individualista, vejo a aliança mosaica como uma expansão nacional das promessas, estipulações morais e leis cerimoniais encontradas na aliança abraâmica. Ambas as alianças eram alianças pela-graça e ambas envolveram estipulações morais com bênçãos prometidas pela obediência, e, nenhuma, quando propriamente interpretada, eram legalísticas ou meritórias.

Creio que a partir da perspectiva da soberania divina e os decretos secretos de Deus, todas as alianças de Deus são incondicionais; isto é, toda

a graça, totalmente imerecida, completamente gratuita. Creio também que a partir da perspectiva da responsabilidade humana e da vontade revelada de Deus e da administração histórica das alianças de Deus, todas as alianças de Deus requerem uma resposta de fé genuína. A fé genuína progressivamente produz o fruto de santidade e boas obras.²²⁹ Todo cristão professo tem a responsabilidade dada por Deus para efetuar sua própria salvação com temor e tremor.²³⁰ A salvação, à parte de casos excepcionais tal como a morte de bebês, é sempre através da fé em Cristo.²³¹ Aqui está a responsabilidade humana e estipulação moral e bênção condicionada pela resposta. Isso não, entretanto, requer que a salvação seja meritória ou legalística. Alguns tentam obter uma salvação através da fé que é pela graça ao trivializar a fé tornando-a em nada no contexto da salvação do cristão carnal de “somente Salvador”. Isso, na minha opinião, não é a melhor resposta. Creio que a razão pela qual a salvação pode ser através da fé e ainda assim totalmente livre e pela graça é porque Deus graciosamente dá ao Seu povo escolhido a habilidade espiritual de satisfazer Sua própria exigência de obediência ao Evangelho. Deus opera nas vidas de Seu povo para capacitá-los a querer e a efetuar conforme o Seu bom prazer.²³² Sem fé, é impossível agradar a Deus,²³³ e o homem natural e não regenerado é totalmente incapaz de agradar a Deus²³⁴; contudo, a pessoa a quem Deus incondicionalmente escolhe para abençoar, Ele regenera e santifica e capacita para crer com uma fé dinâmica que levará a um viver santo. Deus, em seguida, galardoa esta santidade obediente com bênçãos e recompensas. A fé que opera não é uma condição meritória para a bênção, mas é o instrumento através do qual Deus traz bênçãos sobre o santo de acordo com o princípio divino: “a inclinação da carne é morte; mas a inclinação do Espírito é vida e paz”.²³⁵ As bênçãos das alianças de Deus são apenas recompensas sobre os efeitos da própria graça de Deus. Assim, quando Deus incondicionalmente escolheu Abraão para receber bênçãos, Deus regenerou-o e capacitou-o para crer e para obedecer a fim que Deus pudesse abençoá-lo de acordo com a santidade. Deus quis ativamente e pessoalmente conhecer Abraão a fim de que Abraão pudesse criar sua família na retidão e, assim, receber as bênçãos da aliança.²³⁶ Assim, Deus recompensou Abraão por sua obediência²³⁷ e, ainda, a salvação de Abraão foi incondicional e pela graça somente. Isso é a teologia calvinista relativa às recompensas. Isso é a única explicação satisfatória que tenho encontrado a respeito de como as alianças de Deus podem condicionar

bênções sobre estipulações morais e permanecer totalmente incondicionais e pela graça somente.

Resumo dos Ensinamentos Questionáveis

Permita-me encerrar ao listar o que eu considero que seja os ensinamentos realmente questionáveis associados com o dispensacionalismo. Há outros ensinamentos dispensacionalistas com os quais eu discordo, mas eu não vejo-os como fundamentais e básicos. Os seguintes pontos são os ensinamentos dispensacionalistas que eu pessoalmente considero como especialmente questionáveis:

1. A crença de que a salvação veterotestamentária não era através da fé no Cristo vindouro. A posição reformada não é, como tem sido deturpada ocasionalmente, que os santos veterotestamentários entendiam muito sobre Cristo e o Evangelho como nós entendemos hoje. A posição reformada é que o objeto da fé salvífica no Velho Testamento era o mesmo que o objeto da fé salvífica no Novo Testamento, embora admita-se que os santos veterotestamentários tinham muito menos conhecimento de Cristo. Eles enxergavam obscuramente através das profecias e tipos messiânicos. O objeto da fé não tem mudado no decorrer das dispensações; o nível de conhecimento do objeto tem mudado.
2. A crença de que os santos veterotestamentários tinham uma salvação que não incluía a união com Cristo e que os santos veterotestamentários, na eternidade, não serão membros do Corpo e Noiva de Cristo. A teologia reformada reconhece que a era neotestamentária é uma era de graça maior e plenitude espiritual a tal ponto que a Escritura pode contrastar as eras do Novo e Velho Testamentos como a luz é comparada com a escuridão. Isso não significa dizer que o Velho Testamento era tão carente de graça que a salvação veterotestamentária não envolvia união de aliança com Cristo e a liderança aliancista de Cristo.
3. A crença de que há uma forte dicotomia de natureza entre a aliança abraâmica e a aliança mosaica em que uma é incondicional e a

outra condicional. Relacionada a isso seria o ensinamento dispensacionalista de que o Sermão do Monte e a Oração do Senhor são fundamentos relativos a lei e, portanto, não diretamente aplicável ao cristão. A teologia reformada entende que a aliança mosaica é basicamente uma versão nacionalmente expandida da aliança abraâmica, e seus elementos de lei moral são consideradas como ainda válidas. Já que a lei moral é meramente a expressão da santidade de Deus, que relaciona-se à realidade criada, a lei moral de Deus não pode ser invalidada assim como a santidade de Deus não pode ser invalidada.²³⁸ Pode existir, e existe, ajustes no campo da jurisprudência e lei cerimonial já que a jurisprudência é uma aplicação limitada no tempo e por uma situação específica da lei moral e a lei cerimonial é direito positivo.

4. A crença de que a era neotestamentária é um parêntese no programa profético para Israel a tal ponto de que nenhuma profecia veterotestamentária pode referir-se diretamente à era da igreja.
5. A convicção de que a aliança abraâmica e a aliança davídica e a nova aliança de Jeremias 31 são primariamente alianças judaicas que podem relacionar-se ao cristão apenas em um sentido secundário e indireto, no máximo.
6. A crença de que o reinado atual de Cristo à mão direita do Pai não tem relação direta com o cumprimento da aliança davídica e das profecias do reino messiânico.
7. A crença de que não há relação orgânica de continuidade entre o Israel veterotestamentário e a igreja neotestamentária. Os intérpretes reformados creem que a igreja cristã, e não os herdeiros teológicos do farisaísmo, é a herdeira verdadeira atual das alianças veterotestamentárias e promessas do reino.

O propósito dessa lista não é de estereotipar todos os dispensacionalistas. Essas são crenças questionáveis a partir da perspectiva da teologia reformada, e essas são crenças que têm sido

ensinadas pelos principais teólogos dispensacionalistas como elementos básicos nesse sistema. Se há cristãos hoje que consideram-se como dispensacionalistas e que discordam de algumas das crenças listadas acima, então eu sou grato que eles discordam com pelo menos algumas delas. O que a pessoa realmente acredita é mais importante do que como ela classifica-se teologicamente.

Notas de fim

- ¹ Charles Caldwell Ryrie, *The Basis of the Premillennial Faith* (Neptune, N.J.: Loizeaux Brothers, 1953), página 17, compare página 33.
- ² Alan Patrick Boyd, "A Dispensational Premillennial Analysis of the Eschatology of the Post-Apostolic Fathers (until the Death of Justin Martyr)" (Th.M. thesis, Dallas Theological Seminary, 1977), página 89.
- ³ *Ibid.*, prefácio não numerado
- ⁴ *Ibid.*, páginas 90-91
- ⁵ *Ibid.*, página 92, nota de rodapé 1.
- ⁶ *Ibid.*, página 89.
- ⁷ *Ibid.*, página 91, nota de rodapé 2.
- ⁸ Charles Caldwell Ryrie, *Dispensationalism Today* (Chicago: Moody Press, 1965), página 102.
- ⁹ Mateus 20:21; Atos 1:6
- ¹⁰ J. Dwight Pentecost, *Things to Come, A Study in Biblical Eschatology* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1958), página 517.
- ¹¹ Daniel 9:20-27
- ¹² Atos 2:16
- ¹³ Atos 15:15-18
- ¹⁴ Efésios 2:4-7
- ¹⁵ Gálatas 4:3-4
- ¹⁶ Êxodo 12:45 LXX
- ¹⁷ Gálatas 4:26; Filipenses 3:20; Apocalipse 3:12
- ¹⁸ Hebreus 12:22-23
- ¹⁹ cf. Jeremias 11:16; Oséias 14:6.
- ²⁰ cf. Êxodo 16:31; 2 Samuel 1:12; Jeremias 31:31; Mateus 10:6; 15:24; Atos 2:36.
- ²¹ Apocalipse 21:12, 14
- ²² Apocalipse 21:2, 9-10
- ²³ Efésios 5:22-33
- ²⁴ cf. Hebreus 11:39-40
- ²⁵ 1 Pedro 2:9
- ²⁶ Charles Caldwell Ryrie, *The Basis of the Premillennial Faith* (Neptune, N.J.: Loizeaux Brothers, 1953), página 71.
- ²⁷ Ezequiel 34:7-31
- ²⁸ Zacarias 11:7, 11
- ²⁹ João 10:14, 27
- ³⁰ João 10:26

31 João 10:16
32 compare João 10:1
33 Efésios 2:14
34 João 10:11
35 João 10:28
36 1 Pedro 1:1; Tiago 1:1
37 Tiago 1:1; Apocalipse 7:4; Lucas 22:30
38 1 Pedro 2:9-10; Apocalipse 1:6; Tito 2:14; cf. Êxodo 19:16; Deuteronômio 7:6
39 Romanos 2:28-29
40 Filipenses 3:3; cf. Colossenses 2:11; Romanos 2:29
41 Hebreus 12:22
42 Gálatas 4:26
43 Gálatas 4:28
44 Gálatas 3:29
45 Tiago 2:2
46 Joel 2:23, 27
47 Atos 1:5; 10:44-48; 11:15-18
48 1 Coríntios 12:13
49 Isaías 13:10
50 Ezequiel 32:7-8
51 Isaías 34:4-5
52 Mateus 24:29; Lucas 21:11, 25
53 Amós 9:10
54 compare Joel 2:28 e Atos 2:17
55 Atos 15:7-9; Atos 10
56 *paqad*: Gênesis 21:1; 50:24-25; Êxodo 13:19; Rute 1:6; Jeremias 15:15; 29:10; 32:5; Salmos 65:9; *shub* Gênesis 18:10, 14; Zacarias 1:3; Malaquias 3:7; 2 Crônicas 30:6; Isaías 63:17; Salmos 80:14; 90:13; Jeremias 12:15; Salmos 6:4
57 cf. Isaías 34:1-5
58 Atos 15:17
59 Atos 15:14
60 cf. Hebreus 11:39-40
61 Jeremias 31:31
62 Jeremias 31:33
63 Lucas 22:20
64 J. Dwight Pentecost, *Things to Come, A Study in Biblical Eschatology* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1958), página 124.
65 Romanos 11:26-27
66 1 Coríntios 12:13
67 Mateus 3:11; Atos 1:5; 11:15-16
68 João 7:39
69 2 Coríntios 5:17; Efésios 2:5, 10
70 Romanos 8:1
71 Romanos 6:1-4
72 1 Coríntios 15:22

73 Efésios 2:12-13
74 Efésios 3:6
75 Romanos 15:7-13
76 Mateus 16:18
77 Hebreus 3:5-8
78 Isaías 54:1-3
79 cf. Efésios 3:5, especialmente a palavra agora; Efésios 4:11.
80 Efésios 2:15
81 Efésios 5:25
82 Atos 7:38
83 1 Coríntios 10:32
84 Êxodo 12:38
85 Ester 8:17
86 Josefo, *Antiquities of the Jews*, XIII, ix, 1.
87 Mateus 3:9
88 João 8:37, 39
89 Romanos 2:28-29; 9:6
90 Lucas 19:9
91 Lucas 12:32; cf. Romanos 11:5
92 Atos 2:39; 3:25
93 Romanos 11:20
94 Atos 15
95 Romanos 11:17
96 Mateus 8:11
97 Efésios 2:11-22
98 Apocalipse 2:9; 3:9
99 Gálatas 3:29; Romanos 4:11
100 Gálatas 6:16
101 Gálatas 4:21-31
102 Romanos 11:23; compare Mateus 8:12
103 Romanos 11:28
104 Romanos 9:1-5; 11:28-29
105 Romanos 11:29
106 Romanos 11:1-7
107 Romanos 11:12, 15, 26-29
108 Romanos 11:23
109 Gálatas 4:1-7
110 Isaías 11:14; Daniel 11:41
111 Miquéias 5:5; Isaías 19:23-25
112 Isaías 11:14; 63:1-6; Joel 3:19; Amós 9:11-12; Daniel 11:41
113 Zacarias 14:16-19; Isaías 19:23-25
114 Isaías 11:14; Daniel 11:41
115 Zacarias 12:11-14; Isaías 66:21; Malaquias 3:3; Ezequiel 44:15; 48:11.
116 Ezequiel 45:15, 17, 20; Hebraico: *kaphar*, expiar
117 Hebreus 10:4

118 Hebreus 10:10-18
119 Ezequiel 39:9
120 Apocalipse 21:9-10
121 Apocalipse 21:12,14
122 Salmos 2:6
123 Apocalipse 2:5; 2:26-27; compare Salmos 2:9
124 Hebreus 12:22
125 C.I. Scofield, editor, *The New Scofield Reference Bible* (New York: Oxford University Press, 1967), página 888.
126 Números 12:6-8
127 Charles Caldwell Ryrie, *Dispensationalism Today*, páginas 94-95.
128 Lewis Sperry Chafer, *Systematic Theology*, 8 vols. (Dallas: Dallas Seminary Press, 1948), 4:40-41.
129 Malaquias 4:5-6
130 João 1:21
131 Mateus 11:14; 17:12; Marcos 9:13
132 Gálatas 3:16, 29
133 Números 12:6-8
134 Deuteronômio 34:10
135 Hebreus 3:3
136 Deuteronômio 18:15, 18; Atos 3:22
137 Hebreus 1:1-3
138 João 6:46
139 João 1:18
140 João 3:11-13
141 João 14:26;16:13-14
142 compare 1 Pedro 1:10-12
143 Lucas 10:24
144 C.I. Scofield, editor, *The Scofield Reference Bible*, página 5, nota 4.
145 Charles Caldwell Ryrie, *Dispensationalism Today*, página 187.
146 Mateus 5:17-19
147 Lewis Sperry Chafer, *Systematic Theology*, 4:163-164, 215-216, 211-212, 247.
148 Mateus 6:12
149 C.I. Scofield, editor, *The Scofield Reference Bible*, páginas 1089-1090 nota 1 de Lucas 11:1; ver também página 1002, nota 1 de Mateus 6:12. Compare Lewis Sperry Chafer, *Systematic Theology*, 4:221-222.
150 Mateus 24
151 João 14-16
152 Hal Lindsey com C.C. Carlson, *The Late Great Planet Earth* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1970), página 54.
153 Gênesis 12:7; 13:15; 15:18; 17:8; 24:7; 26:3,4; 28:4,13; 35:12; 48:4.
154 versículos 9-12; cf. Gálatas 4:2

¹⁵⁵ John F. Walvoord, *The Millennial Kingdom* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1959), páginas 145-146; cf. Charles Caldwell Ryrie, *Dispensationalism Today* (Chicago: Moody Press, 1965), páginas 149-150.

¹⁵⁶ cf. Salmos 22:27-30; 68:29-31; 72:8-11,17; Isaías 2:2-5; 11:9-10; 19:24-25; 42:1-4; 45:14; 49:6-7,22-23; 52:10; 54:1-3; 60:3f.; 65:1; 66:19; Jeremias 16:19; Amós 9:11-12; Zacarias 2:3-13; 8:20-23; Malaquias 1:11.

¹⁵⁷ J. Dwight Pentecost, *Things to Come*, página 507; compare Charles Caldwell Ryrie, *Dispensationalism Today*, página 134.

¹⁵⁸ cf. Jeremias 18:5-12

¹⁵⁹ Gênesis 13:15; 17:8

¹⁶⁰ Gênesis 15:18

¹⁶¹ Josué 21:43-45; 23:14-16; 1 Reis 8:56; Neemias 9:7-8.

¹⁶² Gênesis 13:15; 17:8

¹⁶³ compare Deuteronômio 15:17

¹⁶⁴ Salmos 89:34-37; compare Jeremias 31:35-36; 33:20-21; Isaías 54:10

¹⁶⁵ Gálatas 3; Romanos 4:13

¹⁶⁶ Mateus 5:5; compare Salmos 37:11

¹⁶⁷ Hebreus 11:8-10,16

¹⁶⁸ Hebreus 12:22-23; 13:14; Gálatas 4:26

¹⁶⁹ 1 Pedro 1:4

¹⁷⁰ Hebreus 12:22

¹⁷¹ Mateus 11:28

¹⁷² Efésios 2:6

¹⁷³ Hebreus 4:8-9

¹⁷⁴ Deuteronômio 5:16

¹⁷⁵ Efésios 6:3

¹⁷⁶ 2 Coríntios 10:4

¹⁷⁷ Romanos 4:13

¹⁷⁸ Gênesis 1:26-28

¹⁷⁹ João 12:31; 14:30; 16:11; cf. Efésios 2:2

¹⁸⁰ Gênesis 3:15

¹⁸¹ Salmos 8:6

¹⁸² Genesis 12:3

¹⁸³ Salmos 2:8

¹⁸⁴ Daniel 7:14

¹⁸⁵ Mateus 28:18

¹⁸⁶ Apocalipse 2:26-27; 12:5

¹⁸⁷ Hebreus 2:6-8; 1 Coríntios 15:25-27

¹⁸⁸ Gênesis 15:18

¹⁸⁹ Zacarias 9:10

¹⁹⁰ Apocalipse 21:1-2

191 Isaías 11:11; 49:12
192 Ester 3:8
193 Josué 1:4; 7:11-12
194 Números 14:30-31
195 Jeremias 18:9-10
196 Isaías 49:5-6; Atos 13:47-48; 15:13-18
197 Mateus 13:30
198 Lucas 12:32
199 João 3:3,5; Mateus 5:20; 7:21
200 Lucas 16:16
201 Mateus 12:28-30
202 Mateus 13:11
203 Lucas 17:20-21
204 Mateus 28:18
205 Atos 2:29-36
206 1 Samuel 24:6; 2 Samuel 23:1; Salmos 2:2
207 Atos 2:34; 4:25-26; Apocalipse 2:26-27; 12:1-5
208 Atos 8:12
209 Atos 14:22
210 Atos 17:6-7
211 Atos 28:23,31
212 John F. Walvoord, *The Millennial Kingdom* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1959), página 196.
213 Salmos 89:39,44
214 John F. Walvoord, *The Millennial Kingdom* (Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1959), página 201.
215 Apocalipse 12:5
216 Hebreus 12:22
217 J. Dwight Pentecost, *Things to Come*, página 546.
218 João 6:15; 18:36
219 Charles Caldwell Ryrie, *Dispensationalism Today*, página 172.
220 Mateus 6:10
221 Mateus 28:18-20
222 John F. Walvoord, *The Holy Spirit at Work Today* (Chicago: Moody Press, 1973), página 21.
223 1 Coríntios 12:13
224 Lewis Sperry Chafer, *Dispensationalism* (Dallas: Dallas Seminary Press, 1936), página 91.
225 Lewis Sperry Chafer, "Inventing Heretics Through Misunderstanding," *Bibliotheca Sacra*, volume 102, número 405 (Jan. - Março, 1945).
226 Gálatas 3
227 João 8:56; cf. Gálatas 3:8
228 J. Dwight Pentecost, *Things to Come*, página 68.

229 Tiago 2:17; Efésios 2:10; Hebreus 12:14

230 Filipenses 2:12

231 Efésios 2:8

232 Filipenses 2:13

233 Hebreus 11:6

234 Romanos 8:8

235 Romanos 8:6

236 Gênesis 18:19

237 Gênesis 22:15-18; 26:2-5

238 Mateus 5:17-20